

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ÂNGELA CLÁUDIA REZENDE DO NASCIMENTO REBOUÇAS

**PROCESSOS DE REDUÇÃO LINGUÍSTICA EM DOCUMENTOS DE
TOMBO DOS SÉCULOS XIX E XX DE MOSSORÓ-RN: UMA
ABORDAGEM DIACRÔNICA**

JOÃO PESSOA-PB

2011

ÂNGELA CLÁUDIA REZENDE DO NASCIMENTO REBOUÇAS

**PROCESSOS DE REDUÇÃO LINGUÍSTICA EM DOCUMENTOS DE
TOMBO DOS SÉCULOS XIX E XX DE MOSSORÓ-RN: UMA
ABORDAGEM DIACRÔNICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba- PROLING, área de concentração Teoria e Análise Lingüística, com vistas à obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^ª.Dr.^a Maria Cristina de Assis

JOÃO PESSOA-PB
2011

TERMO DE APROVAÇÃO

ÂNGELA CLÁUDIA REZENDE DO NASCIMENTO REBOUÇAS

**PROCESSOS DE REDUÇÃO LINGÜÍSTICA EM DOCUMENTOS DE
TOMBO DOS SÉCULOS XIX E XX DE MOSSORÓ-RN: UMA
ABORDAGEM DIACRÔNICA**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Cristina de Assis

Orientadora

Prof. Dr. Pedro Farias Francelino-PROLING

Prof.^a Dr.^a Ana Cristina de Sousa Aldrigue -PROLING

À minha família, mãe, pai, irmãos,
tias e tios, avós e avôs, minha bisa e
especialmente ao meu companheiro
Thiago, com muito carinho.

AGRADECIMENTOS

“Falar é completamente fácil, quando se tem palavras em mente que expressem sua opinião. Difícil é expressar por gestos e atitudes o que realmente queremos dizer, o quanto queremos dizer, antes que a pessoa se vá”.

(Carlos Drummond de Andrade)

A Deus, cuja infinita bondade proporcionou-me mais esta conquista.

A meu pai, Antônio Argemiro do Nascimento, pelos gibis que me trazia quando criança, ponto de partida para a caminhada até aqui.

A minha mãe, Maria Neide Rezende, pela força dada sempre que necessário ante as atribulações da dura jornada.

A minha avó e mãe, Joana Dark Resende, pelo exemplo de pessoa forte, branda e resiliente.

Aos meus irmãos, Allan e Arthur, por me apoiarem em minhas escolhas.

A Alba, Adivânia, Márcia Bicalho, e Luciene, pela companhia, conselhos e amizade que me dedicaram.

A Edivânia, Marcinha, Clécida, Mônica, Heldinho e Francielho, pelos momentos de alegrias e pelo acolhimento durante a dura estada longe de casa.

A Clérison, Marcos, Luiz Henrique, Carol, Webert, Nathalya, Josenildo, pela divisão de momentos de aprendizado e de angústias.

Aos amigos Laerte e Eli, pelas noites de scrable que me permitiram parar, relaxar e continuar na escrita.

Ao casal de amigos, Clediane e Andrei pelos bons momentos num período tão crítico.

A Thiago, esposo amado, pelo incondicional apoio e compreensão a mim dedicados no percurso.

Ao Padre Américo Vespúccio (In memorian) , representante da Igreja Católica, pela permissão da coleta do *corpus*, sem o qual esta pesquisa não existiria.

Ao meu eterno mestre, professor Gilson Chicon Alves, pela confiança, apoio e forças responsáveis pela minha vida acadêmica.

Ao Prof. Dr. Marlos de Barros Pessoa, pela disposição a coorientar esta pesquisa.

Aos Profs. Drs. Pedro Francelino e Ana Cristina de Sousa Aldrigue, pelas valiosas sugestões que corroboraram para o enriquecimento do trabalho.

A Prof^a. Dr^a. Maria Cristina de Assis, minha orientadora, pela confiança depositada em minhas ideias e pela disposição em ajudar sempre.

A coordenadora do PROLING, Regina Celi, e a todos que constituem o programa, pela atenção e solicitude.

RESUMO

Este trabalho trata de um dos fenômenos bastante comum da escrita dos manuscritos dos séculos passados; a abreviação. Embora se pense que esse é um fenômeno decorrente do uso contínuo do computador ou uma tendência imediatista da era globalizada, esta pesquisa, sob o olhar das Tradições Discursivas e da linguística do texto, vai mostrar que essa é uma característica corrente da escrita da época dos manuscritos, e é principalmente uma tradição da escrita sacerdotal e vai de encontro à ideia de abreviação por economia de papel, ideia bastante difundida em estudos da escrita medieval. Para a análise de dados, foi montado um *corpus* coletado da Igreja Matriz na cidade de Mossoró, composto por vários livros de Tombo, dos quais só se analisou o primeiro, o qual corresponde ao período do século XIX. Como base teórica utilizou-se Coseriu (1979), Oesterreicher (2002), Kabatek (2006), a análise foi feita sob a teoria das Tradições Discursivas e da linguística textual nas quais se considera que todos os textos são produzidos tendo em base um texto já existente e características do modelo podem ser preservadas ou não dependendo da necessidade do autor ou do momento. Esse estudo nasceu da necessidade de traçar um perfil da escrita dos séculos XIX e XX da cidade de Mossoró. Dos resultados podemos apontar que a escrita dos livros de tombo reflete o contexto histórico em que a ortografia não seguia um padrão. Com isso a escrita baseava-se na tradição dos modelos portugueses, o que de certa forma, fez com que as abreviaturas permanecessem ao longo de muito tempo nos textos da época colonial.

PALAVRAS CHAVE: Tradição Discursiva; abreviação; Livro de tombo; sec. XIX.

ABSTRACT

This study deals with a very common phenomenon of the manuscripts writing in the past centuries; the abbreviation. Although it seems that this is a phenomenon that results from continued use of the computer or an immediate trend of globalized era, this research, from the perspective of discursive traditions and language of the text, will show that this is a characteristic of the current time about writing manuscripts, and it is mainly a written tradition of priestly and goes forward to the idea of paper economy, widespread idea on the studies of medieval writing. For the analysis of the information, it was assembled a *corpus* collected from a main Church in the city of Mossoró, composed by several books, which the first one was analyzed, corresponding to the period of the nineteenth century. As theoretical basis it was used Coseriu (1979), Oesterreicher (2002), Kabatek (2006), the analysis was made under the theory of Traditions Discursive and under the textual language in which it is considered that all texts are made based on a previous text and existing features of the model can be preserved or not, depending on the needs either of the author or the moment. This study arose from the need of drawing a profile of writing in the nineteenth and twentieth centuries in the town of Mossoró. From the results we can state that the writing of tumble books reflects on the historical context in which the spelling did not follow a pattern. According to that, writing was based on the tradition of Portuguese models, which somehow made the abbreviations remain over a long time in the texts of the colonial era.

KEYWORDS: Discursive Tradition; abbreviation; Book tumble; sec. XIX.

LISTA DE TABELAS E QUADROS

QUADRO 1- Níveis Linguísticos.....	22
QUADRO 2- O entorno e suas subdivisões.....	28
QUADRO 3- Tradições Discursivas.....	35
TABELA 1 – gêneros encontrados nos documentos.....	71
QUADRO 4- As abreviações encontradas no <i>corpus</i>	79
TABELA 2 - Abreviação no termo de visita.....	81
TABELA 3- Abreviação na pastoral.....	84
TABELA 4- Abreviação no certificado.....	87
TABELA 5- Abreviação na tabela.....	89
QUADRO 5- Gráfico das abreviações por classe.....	92

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- Tabuleta de argila.....	43
FIGURA 2- Escrita uncial do pergaminho de Santa Catarina de Sinai.....	48
FIGURA 3- Ilustração de abreviação por ponto final.....	54
FIGURA 4- Sinal especial.....	55
FIGURA 5- Abreviação de Antônio.....	56
FIGURA 6- Sigla duplicada.....	57
FIGURA 7- Abreviatura de Senhor.....	57
FIGURA 8- Abreviatura por letras sobrescritas.....	58
FIGURA 9- Abreviatura de primeiramente.....	58
FIGURA 10- Abreviatura de Santíssimo Padre.....	58
FIGURA 11- Abreviatura mista.....	59
FIGURA 12- Abreviatura por sinal especial.....	59
FIGURA 13- Abreviatura numérica: número 52.....	60
FIGURA 14- Abreviatura numérica: Janeiro.....	60
FIGURA 15- Abreviatura numérica: Fevereiro.....	60
FIGURA 16- Apresentação do livro de Tombo.....	67
FIGURA 17- Termo de visita página 1.....	68
FIGURA 18- Termo de visita página 2.....	70
FIGURA 19- Termo de visita página 3.....	71
FIGURA 20- Circular.....	83
FIGURA 21- Certificado.....	86
FIGURA 22- Tabela.....	88
FIGURA 23- Observação.....	90

SUMÁRIO

CAPÍTULO I	17
1.1.Os conceitos Coserians	17
1.1.1 O conceito de língua	17
1.1.2 A Visão tripartida	21
1.1.3 Determinação e entorno	26
1.1.4 Sincronia e diacronia e história	29
1.1.5 O estudo das Variedades linguísticas	32
1.1.6 O nascimento das TD's	33
1.2 Os Gêneros do Discurso	36
1.2.1 O estilo em Bakhtin	39
CAPÍTULO II - história dos textos	41
2.1 Sobre a escrita	41
2.2 Tipos de escrita	41
2.2.1 A escrita não Alfabética	43
2.2.2 A escrita Alfabética	46
2.3 O manuscrito e a escrita medieval	49
2.4 As abreviaturas	50
2.4.1 O conceito de abreviação e de abreviaturas	53
2.4.2 Sinais abreviativos e tipos de abreviaturas	54
CAPÍTULO III: Metodologia: Análise	61
3.1 Os documentos do <i>corpus</i> – os livros de Tombo	62
3.2 Caracterização do <i>corpus</i> da pesquisa	63
3.3 O contexto de produção dos livros de Tombo	65
3.4 Características ortográficas dos textos	67
3.5 Os Gêneros presentes no Livro de tombo	78
3.5.1 A superestrutura dos gêneros	79
3.6 As variáveis socio-interativas	91
3.7 As variáveis estruturais	96
3.8 As Variáveis sociais	103
Considerações Finais	105
Referências	107

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No estudo das línguas, é sabido que a mudança é uma das principais preocupações dos lingüistas, tanto na escrita quanto na oralidade, sendo que nesta, a mudança acontece mais rapidamente que naquela (FARACO, 2005). Para estudar a mudança, os especialistas na área desenvolveram conceitos, as quais constituem linhas de estudo bastante específicas, foram sistematizando esses conhecimentos até chegarem a teorias complexas e mais modernas.

As principais teorias que tratam da mudança linguística, seja ela falada ou escrita, começam com os estudos comparativistas no século XVIII, e tiveram como precursor Humboldt (CAMARA JR., 1975), com a defesa da ideia de que havia a possibilidade de se fazer uma análise de todas as línguas do mundo para serem comparadas as formas como uma mesma noção gramatical é expressa nessa diversidade.

Nesse período, o estudo histórico comparativo permitia que a linguagem fosse vista através de um fio condutor histórico segundo o qual ela era sempre sucedida por um estágio superior de desenvolvimento. E uma língua antiga dava origem a línguas novas, (SILVA NETO, 1975). Era pensamento de muitos estudiosos da época a noção de evolução da língua, conceito que estava indiscutivelmente ligado ao estudo biológico da linguagem, a linguagem como um ser vivo, e ao Darwinismo (CHOMSKY, 1997), teoria que durante o século XIX explicava a diversidade da vida através da lei da seleção natural.

Os estudos comparativos tiveram suas primeiras expressões com Ramus Rask, dinamarquês que estudou a origem do Islandês. Porém, seus trabalhos não foram publicados por muito tempo, ficando o mérito da inauguração do método Histórico-comparativo da Linguagem para Franz Bopp, com os estudos comparativos entre o sânscrito, grego, latim persa e as línguas germânicas (CÂMARA JR., 1975), e os estudos de Grimm, que começou a dar atenção especial à fonética.

Houve também uma fase importante para a lingüística pré-moderna, se assim podemos chamar a fase anterior aos estudos de Saussure.

É interessante notar que o interesse comum de quase todos os linguistas dessa fase era entender as diferenças existentes entre as línguas, compará-las, o seu léxico, a morfologia, a

sintaxe e a fonética para tentar traçar um quadro do possível parentesco entre essas línguas de forma a chegar a uma hierarquia linguística.

A partir de esses estudos, a linguística do século XX chegou ao seu ápice com o estruturalismo Saussuriano. Foi a partir daí que se teve uma sistematização de métodos para estudar a língua. Saussure, com sua obra *Curso de Linguística Geral*, organiza o estudo da língua em dicotomias; a língua em oposição à fala, sincronia em oposição à diacronia, significado em oposição ao significante, as noções de eixo sintagmático e paradigmático da língua.

Se, por um lado, Saussure criou uma nova forma de estudar a língua, por outro, seus estudos não trataram da questão da mudança linguística, porque para ele a língua era homogênea, assim a mudança não foi abordada.

No estruturalismo, o aspecto sincrônico da linguagem foi priorizado em detrimento do diacrônico e só com Coseriu (1979), com *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança lingüística*, os estudos histórico-diacrônicos passaram a reter mais atenção dos estudiosos.

Diferentemente de Saussure, Coseriu, para estudar a língua, decide estudá-la sobre três ângulos diferentes. Ele afirma que a língua está dividida nos níveis universal, particular e histórico. No nível universal a língua é vista como uma característica inerente ao homem, como um feito antropológico, já no nível particular a língua é vista como uma atividade individual e no nível histórico como uma língua historicamente determinada. No nível histórico, encontra-se um desdobramento do qual nasce o conceito de Tradições Discursivas, as TD's, teoria da linguística românica recente. O conceito nasce principalmente com os trabalhos de Oesterreicher (1997) e Koch(1997). Koch postula uma duplicação do nível histórico, neste nível tem-se a história de uma língua, que se determina ao longo do tempo e a história dos textos. Na história dos textos, com a ajuda da linguística textual pode-se traçar os perfis dos textos, as TDs seriam então uma forma de manifestação que ocorre repetidas vezes ao longo do tempo como uma estrutura fixa e que pode ou não fazer referência ao texto original.

Esse modelo tem como princípio a evocação, repetições sistemáticas que aparecem em eventos comunicativos. Baseamo-nos nesta teoria das Tradições Discursivas, na história dos textos, dos gêneros textuais e da linguística histórica para construir nosso trabalho. Certos de

que a mudança é contínua e acontece desde sempre em todas as línguas naturais, focaremos nosso trabalho nas particularidades do texto que no caso do nosso *corpus* se manifesta através da abreviação linguística.

No nosso estudo, feito em livros de tombo dos séculos XIX e XX, verificamos várias ocorrências de um fenômeno bastante usual na língua escrita formal colonial: a abreviação. Sentimo-nos ávidos por entender o funcionamento desse fenômeno, verificar se é uma Tradição Discursiva, bem como descrever seu uso.

O fato de serem textos formais, escritos por pessoas que provavelmente possuíam o domínio da língua culta, desperta atenção e nos faz querer entender se as abreviações são características do estilo formal da época. Porque elas aparecem mais no século XIX que no século XX, estão relacionadas ao tipo ou gênero textual, faz parte de alguma tradição discursiva e qual? Tem relação com o tamanho da palavra, ou com o espaço destinado a escrever? Que princípios regem seu uso?

O objetivo geral do trabalho é analisar as abreviações nos documentos de tombo da cidade de Mossoró verificando se é ou faz parte de uma Tradição Discursiva determinada e qual é. Especificamente pretendemos:

- a) Categorizar os gêneros presentes nos documentos;
- b) Analisar as ocorrências das reduções nos documentos históricos, relacioná-las com as variáveis sócio-interativas e aos gêneros ou tipos textuais;
- c) Descobrir os princípios regedores das abreviaturas;
- d) Analisar os efeitos comunicativos das abreviações.
- e) Observar as tradições discursivas presentes no livro de tombo e relacionar essas tradições ao uso ou não das abreviações.

O *corpus* em análise faz parte do Projeto Sócio-História do Português Brasileiro em Mossoró. Visitamos a Igreja Matriz da cidade e por não haver condições de manusear os documentos, fotografamos os livros de tombo, que estão dispostos da seguinte forma:

5 livros de Tombo:

- O primeiro é constituído de 36 páginas do período de 1855 a 1909;
- O segundo é constituído de 41 páginas do período de 1897 a 1925;
- O terceiro é constituído de 100 páginas do período de 1925 a 1939;
- O quarto é constituído de 101 páginas do período de 1939 a 1954.
- O quinto é constituído de 113 páginas do período de 1954 a 1984.

Para a análise utilizamos apenas o livro de tombo 1. Na transcrição preservamos a forma estrutural dos textos, de acordo com noções filológicas de Fonseca (2005).

O trabalho está estruturado em 3 capítulos:

No primeiro capítulo apresentaremos as teorias coserianas, a noção de língua por ele defendida, a visão tripartida e outros conceitos concernentes à literatura da linguística de Eugênio Coseriu e alguns de seus seguidores, além de fazermos uma explanação sobre o nascimento das Tradições Discursivas, bem como de seus principais representantes, as TD's no Brasil, os estudos feitos aqui, além de tentar diferenciar esse conceito do conceito de gêneros discursivos.

No segundo capítulo trataremos da história dos textos seguindo a linha temporal que remonta as primeiras manifestações da escrita, os tipos de escrita que existiram no primeiro momento das manifestações, as características da escrita medieval chamando atenção para os primeiros aparecimentos de abreviações, notas tironianas, a abreviatura e sua definição, seus usos e a caracterização e os tipos de abreviaturas mais comuns.

No terceiro capítulo faremos uma contextualização sobre a história Social de Mossoró, sua organização, bem como, dos aspectos da cultura escrita que se instaurava na cidade. Será feita uma descrição dos livros de tombo, caracterização dos documentos que compõem os livros, classificação dos gêneros mais recorrentes, a tipologia, a lista de todas as abreviaturas encontradas no nosso *corpus* e a análise de todos os dados.

Na análise procuraremos apontar os princípios regedores das abreviaturas a fim de esclarecer por que se utilizava desse fenômeno na escrita formal dos séculos supracitados,

verificaremos se há uma predominância das abreviaturas relacionadas ao gênero textual de forma que a abreviação de palavras apareça mais em um gênero do que em outro

Além de observarmos os efeitos de sentido que as abreviaturas provocam no texto, também destacaremos as mudanças e permanências notadas em nossa pesquisa no tocante ao uso das abreviações.

CAPITULO I

1. OS CONCEITOS COSERIANOS: ponto de partida para a noção de Tradições discursivas

1.1 O Conceito de língua

Desde Saussure, com *course de linguistique general* (1979), a língua começou a ser estudada de uma nova forma, sistemática, como objeto de uma ciência que começava a nascer, não da forma como a conhecemos hoje, organizada e entendida como dinâmica. Mas estática e homogênea.

O genebrino abria espaço para novas discussões a respeito do tema, muitos outros linguistas utilizaram os estudos de Saussure para formular sua hipóteses e teorias que definiam a fala e a língua. No entanto as teorias apresentavam muitas divergências de pontos-de-vista, conforme afirma e questiona Coseriu (1979):

A que se devem essas divergências? Em primeiro lugar, sem dúvida, à diversidade dos pontos-de-vista, dos planos em que se estabelecem as oposições. Alguns estudiosos consideram a linguagem, em primeiro lugar, em suas determinações externas, em sua existência no indivíduo e a comunidade, e estabelecem, por conseguinte, oposições como: aspecto individual/aspecto social; acervo linguístico individual/ acervo linguístico social; atos lingüísticos individuais/uso linguístico da comunidade; atos individuais/patrimônio ou instituição social; atos individuais/produto histórico coletivo. Outros consideram a linguagem do ponto de vista da sua “conformação” e opõem, por isso, o aspecto ocasional ao aspecto geral, a unicidade à repetição, o assistemático ao sistemático, a realização ao sistema, o impulso expressivo ao sistema funcional. (p. 33)

Essas divergências dificultavam o trabalho de novos linguistas, pois sem ideias retilíneas, ou de mesma abordagem, sugerir uma linha de raciocínio e de teoria necessitava um trabalho mais intenso e uma espécie de montagem de peças de um quebra-cabeça.

Assim, o lingüista romeno analisa os conceitos da teoria estruturalista acerca do estudo da linguagem, sobre os quais destaca as incoerências metodológicas e teóricas que ele julga existirem principalmente por atribuições de distintas extensões aos conceitos de língua e fala. Ora, confundem-se as definições e conceitos, ora opõem-se e a distinção torna-se cada vez

mais tênue, o que depende também do nível de abstração, pois níveis de abstrações diferentes condicionariam respostas e objetos diversos.

Coseriu apresentou suas ideias numa “conferência de Semântica”, realizada em 1951 em Nice. Diferentemente das clássicas dicotomias apresentadas e defendidas por Saussure, como por exemplo, *langue* e *parole*, sincronia e diacronia, significante e significado, paradigma e sintagma, ele apresentou uma nova divisão de aspectos da linguagem, que seriam eles: esquema, norma estabelecida e *parole* (fala)(COSERIU, 1979).

A língua para Coseriu é sinônimo de movimento, um sistema em permanente sistematização (FONSECA, 2005), que se renova, se reconstrói, não sendo essa mudança uma espécie de deterioração da língua, mas sendo o que lhe assegura sua continuidade e seu funcionamento. “As línguas estão pois em perpétua mudança, embora só o repouso seja facilmente perceptível” (SILVA NETO, 1952).

Para ele Coseriu, a mudança é mola propulsora que faz com que uma língua não morra, pois ela se faz mediante a mudança e sem tal morreria (1979^a, p. 237). Diz ainda que a língua muda justamente *porque não está feita*, mas faz-se continuamente pela atividade linguística” (COSERIU, 1979^a, p. 6) (Grifos do autor).

No texto *Determinação e entorno: dois problemas da linguística do falar* (1979, p. 209-233), o autor questiona conceitos que para ele confundem o estudo linguístico, como o fato de alguns estudiosos terem como necessária uma linguística do falar, embora esses estudos já existissem na escola idealista, os linguistas não conseguiam indicar com clareza quais deveriam ser especificamente os problemas dessa linguística. E atribui essa dificuldade ao fato de que se torna difícil fundar uma linguística da *parole* sobre a distinção Saussuriana **língua** e **parole**, se em suas considerações a “língua integra a fala e a distinção língua e parole, além de admitir várias interpretações, não é “real”, mas “formal” e metodológica. (1979, p. 209).

Admite, no entanto, que se há a necessidade de uma linguística do falar, ela só se justificaria pela aceitação da distinção saussuriana e discorda de que haja uma ciência de estudo da linguagem que não estude a fala “Mas, de outro ponto de vista caberia até mesmo perguntar se existe uma linguística que não seja linguística do falar. A própria “língua”, que outra coisa é senão um aspecto do falar? ”(1979, p. 211).

O objeto da linguística, que é a ciência da linguagem, só pode ser a linguagem em todos os seus aspectos. E ela se apresenta concretamente como uma atividade do falar que se mostra em três aspectos complementares. Apresenta-se como atividade *humana específica e facilmente reconhecível* (1982, 1979; 1979a), pois, a língua só funciona e só se realiza concretamente no falar, ou seja, o que existem são os atos lingüísticos, o discurso: “A língua não existe senão no falar nos indivíduos, e o falar é sempre falar uma língua” (COSERIU, 1979, p. 33).

A linguagem ainda pode ser considerada como uma atividade realizada em seus produtos, ou seja, concretamente na fala, e “é uma atividade **universal**, que se realiza por indivíduos **particulares**, enquanto membros de comunidades históricas” (COSERIU, 1979, p. 212). Por isso, segundo ele pode ser considerada em sentido universal, em sentido particular e em sentido histórico. Dessa forma, as línguas se acham estabelecidas como tradições firmes e peculiares, reconhecidas pelos seus próprios falantes e pelos falantes de outras línguas que as identificam historicamente, com um curso de vida. Assim, o falante se identifica como pertencente a uma comunidade determinada historicamente (exemplo: falante de língua portuguesa, falante de língua espanhola).

Segundo Coseriu “a língua é um *saber falar*, saber *como se fala* numa determinada comunidade e segundo uma determinada comunidade e segundo uma tradição” (1979a, p. 52). “Assim o saber linguístico é um saber fazer, isto é, é um saber técnico que o falante adquire de outros falantes. É a partir desse saber que o falante cria a sua expressão e só excepcionalmente cria seus próprios modelos.” (FONSECA, p. 49). Ou seja, tudo o que o falante fala é feito por que se segue um modelo já antes pronto e executado em seu convívio e a partir da fixação desse modelo falante pode atualizá-lo segundo suas necessidades ou não.

Além dessa concepção, Coseriu destaca a de Humboldt de que a língua seria “*energeia*”, uma atividade real, livre e não produto e apenas por isso pode ser abstraída e estudada como “produto”. Humboldt quis destacar o aspecto de “vivo” da linguagem e que em consonância com o princípio aristotélico, compreende a linguagem como atividade criadora em todas as suas formas. (FONSECA, p. 49)

Nesse sentido, o falar é sempre uma atividade criadora, que se recria, se reiventa, embora o indivíduo não possa criar totalmente sua expressão, a recriação acontece embasada

em modelos existentes e anteriores, utilizando o material linguístico que está à sua disposição, que a norma lhe oferece.

O falante não emprega outra técnica, mas utiliza o sistema que se lhe oferece pela comunidade e, mais ainda, aceita também a realização que a norma tradicional lhe proporciona, porque esta é a sua tradição. Não inventa totalmente a sua expressão, mas utiliza modelos anteriores, justamente por ser este indivíduo histórico e não aquele: por que a língua pertence a sua historicidade, ao seu modo determinado de ser. (COSERIU, 1979a, p.64).

Ainda destaca que a essência da linguagem está no diálogo, no falar-um-com-o-outro, (COSERIU, 1979, p. 64). E corroborando com as ideias de Pagliaro afirma:

A língua pertence ao indivíduo, e ao mesmo tempo, à sua comunidade, e no próprio indivíduo se apresenta como **alteridade**, como algo que pertence também aos outros; é objetivação concreta da atividade linguística dum grupo humano no espaço e no tempo [...] A língua é uma das condições mais típicas da solidariedade dos sistemas em que se realiza a vida histórica do gênero humano (COSERIU, 1979, p. 32). (Grifo nosso)

O autor destaca o caráter não-monológico da linguagem. Para ele, o falar sempre pressupõe um entendimento, expressar-se significa, ao mesmo tempo, expor-se e ser entendido pelo outro. Sobre esse caráter, podemos entender que o sujeito falante, dentro de uma gama de possibilidades oferecidas pelo sistema, tem a preocupação de adequar sua fala à fala do interlocutor, configurando uma concepção de linguagem que vislumbra o entendimento mútuo, a preocupação com o outro.

O romeno justifica a sua ideia de que há a necessidade de uma linguística do falar por que é uma lingüística teórica que considera os problemas da linguagem no plano da atividade concreta, e a atividade concreta é o falar, e para ele o falar é mais amplo que a língua, “enquanto a língua se encontra contida inteiramente no falar, o falar não se encontra inteiramente contido na língua. Deve-se então explicar a língua pelo falar e não o contrário (COSERIU, 1979, p. 214).

O linguista defende ainda que a linguística do falar seria uma lingüística descritiva, uma espécie de gramática do falar, que ele julga indispensável tanto para a interpretação sincrônica, quanto para a diacrônica da língua e para a análise de textos:

Por outro lado, a análise de textos não pode ser feita com exatidão sem o conhecimento da técnica da atividade lingüística, pois a superação da língua que ocorre em todo o discurso pode ser explicitada pelas possibilidades universais do falar. (COSERIU, 1979, p. 214)

De forma que sem um conhecimento profundo da técnica do falar as explicações e análises de textos seriam incompletas por que não seria possível ter uma visão correta do fato lingüístico considerando um conhecimento superficial do fato.

1.2 A visão tripartida

Diferentemente da dicotomia saussuriana língua e fala, em que se considera a primeira como parte social da linguagem e a segunda, a parte individual, Coseriu definiu três aspectos da linguagem como atividade propriamente dita, ou “três maneiras de considerar a mesma realidade”(COSERIU, 1979, p. 212). Ele partiu da definição aristotélica de que uma atividade pode ser considerada a) como tal, b) como atividade em potência e c) como atividade realizada em seus produtos. Essas três maneiras de se ver a mesma realidade referem-se à língua que é vista sob três perspectivas pelo lingüista: a perspectiva universal, a histórica e a individual.

O falar enquanto característica *universal* seria o falar como feito antropológico, uma atividade natural e pertencente ao homem.

No nível *histórico*, se configura como uma língua em específico de uma determinada comunidade, que tem uma autenticidade própria como por exemplo, a língua inglesa, portuguesa, a espanhola (KOCH, 2008, p. 53), “consiste na língua enquanto acervo idiomático, ou seja, saber falar segundo uma tradição de uma determinada comunidade” (FONSECA, 2005, p. 51), é a língua concreta, “o modo como o falante se refere ao mundo, como faz referência a objetos e estados de coisas, que usos faz de objetos de saber lingüístico

e saber não linguístico e como, ao contrário, subsume a multiplicidade dos objetos”, (SCHLIEBEN-LANGE, 1993).

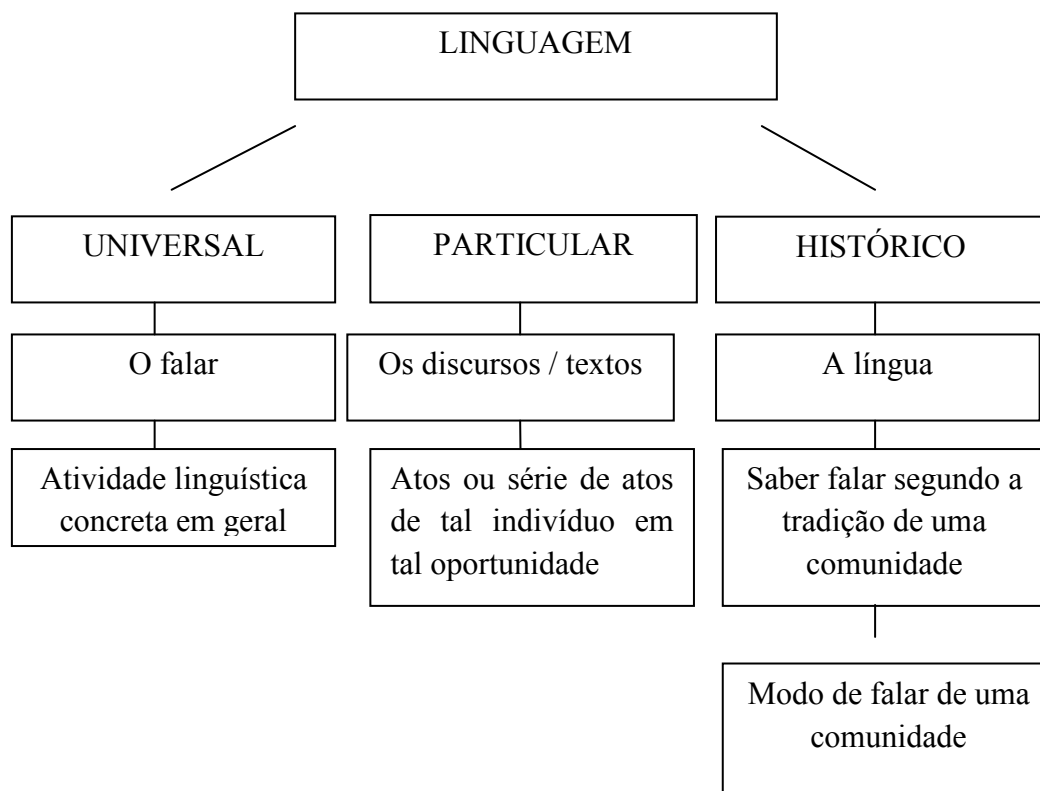
No nível *particular* ou *individual*, é a língua considerada como um ato linguístico, o discurso (o ato ou a série de atos), de um indivíduo determinado em determinada situação (COSERIU, 1981, P. 272).

E como afirma o próprio Coseriu (1979), “são três formas de enxergar a mesma realidade”, percebe-se que estes três ângulos são, de certa forma, independentes uns dos outros. Fonseca (2005, p. 52) considera a linguagem uma atividade complexa que se desenvolve simultaneamente nesses três níveis:

O nível universal do falar em geral, o nível histórico das línguas e o nível particular dos discursos – as normas intrínsecas são também muito complexas. São seguidas intuitivamente pelos falantes e intuitivamente aplicadas como critérios de juízos sobre o falar pelos ouvintes.

O quadro com a divisão dos níveis de linguagem defendidos por Coseriu e apresentado por Fonseca (idem) mostra essa realidade:

Quadro 1- Níveis lingüísticos



Resumidamente apresentamos aqui os níveis sugeridos por Coseriu para a análise linguística, que posteriormente foram usados por outros autores da área, como por exemplo, Oesterreicher (1994, 1996, 1999), Stoll (1996), Schlieben-Lange (1993).

Schlieben-Lange (1993, p. 18) discute os métodos de análise, começando por questionamentos a respeito da atividade da fala e de suas normas, sobre a qual afirma:

Afinal, o que fazemos quando falamos? Que diferentes tipos de atividades realizamos ao falar? Primeiramente, o falar, em acepção muito genérica, é sempre um falar com os outros sobre o mundo. Dominamos, enquanto falantes, determinadas técnicas gerais do falar que, uma vez aprendidas na aquisição da primeira língua, podemos empregar em todas as outras línguas.

Para a autora, podemos mostrar ou indicar algo, ou algum objeto, podemos nos referir ao que já foi dito antes e até mesmo antecipar o que será dito. Ainda, supomos a existência de um saber, de certa forma, partilhado sobre o mundo, de forma que o outro saiba exatamente sobre o quê estamos falando. Ela defende ainda que possuímos muitas outras técnicas do falar além das citadas anteriormente e essas técnicas nos permitem comunicarmos com outras pessoas de uma mesma língua, em cada língua histórica. Além disso, falamos em forma de textos em situações históricas determinadas e orientadas para uma determinada finalidade; assim, a fala merece um esquema que deva tratar dessas técnicas, esquema este embasado nas considerações de Coseriu acerca do tema (SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p. 18).

Outro teórico que utiliza esses níveis de análise propostos por Coseriu é a teórica Stoll (1996, *apud* FONSECA, 2005, p. 54), quando investiga um manuscrito do século XVI, estudo no qual demonstra que do nível de análise universal, características específicas semânticas, sintáticas e pragmáticas de textos escritos por semicultos refletem essas condições comunicativas:

Do ponto de vista semântico, repetições de palavras revelam a inflexibilidade do autor do texto para variar a expressão; do ponto de vista sintático, surgem infrações contra a correção gramatical e, no ponto de vista pragmático, dificuldades relacionadas com o planejamento dos textos. Segundo a autora, em qualquer língua, nos textos de culturas e de épocas diferentes, quando prevalece, por exemplo, a espontaneidade, a emoção e a dialogicidade em uma situação comunicativa, o

discurso tende a ter um mínimo de planejamento e então surgem, com maior frequência, as repetições, os anacolutos, as elipses. (FONSECA, 2005, p. 54)

Schlieben-lange, uma entre tantos autores a considerarem o método de Coseriu viável, chamou atenção ainda para outro aspecto interessante perceptível na divisão coseriana, que em cada um desses níveis o problema central da significação é abordado de forma diferente:

Assim, no nível da fala, é interessante o modo como o falante se refere ao mundo, como faz referência a objetos e estados de coisas, que uso faz de objetos de saber não-linguísticos e como, ao contrário, subsume a multiplicidade dos objetos. No nível das línguas históricas, a questão é saber como o plano do conteúdo é articulado no nível dos textos e de seu sentido. Portanto, a cada um dos níveis pode-se atribuir um dado tipo de semântica; designação, significação e sentido.

A designação seria a parte de referência ao mundo extralingüístico; a significação seria o conteúdo linguístico como valor de língua e o sentido seria a significação própria de cada texto ou de cada fragmento.

Relaciona ainda aos níveis correspondentes distintos de tipos de objetos do saber, *saber elocucional*, *saber idiomático* e *saber expressivo*. À fala, estaria ligado o *saber elocucional*; à língua histórica, estaria ligado o *saber idiomático* e, ao texto, estaria ligado o *saber expressivo*.

Para que fiquem claros os diferentes domínios é necessário que fiquem claros também quais os critérios que valem para um tratamento adequado das tarefas que se apresentam em cada um deles, conforme Schlieben-lange (1993, p. 19-20)

No nível da fala, trata-se de referir-se ao mundo de forma coerente, “lógica”. Uma língua (ou uma variedade dessa língua), é então, falada “corretamente” quando o falante conhece seu funcionamento sistemático e sua norma, e fala “corretamente” de acordo com esse saber. Assim, um texto é bem-sucedido quando seu produtor utiliza adequadamente os seus recursos lingüísticos tendo em vista os objetivos estabelecidos, no sentido de “prepon” (*aptum*) da velha retórica. Os critérios valorativos para o sucesso da fala nos diferentes níveis seriam, portanto, os seguintes: coerência, correção, adequação.

É válido ressaltar a diferença existente entre dois tipos de saber idiomático que são, respectivamente, o saber idiomático extralingüístico e o saber idiomático textual; o primeiro é

referente ao saber tradicional e comum sobre as “coisas” (podendo ser incluídas aí as próprias ideias e crenças tradicionais sobre elas); já o segundo diz respeito ao conhecimento de textos (estrutura, características, linguagem, modo de fazer) transmitidos como tais por uma comunidade linguística (como provérbios, expressões idiomáticas, frases feitas e etc), e também como uma técnica tradicional do falar (FONSECA, 2005).

Segundo Schlieben-lange (1993, p. 20), Coseriu chamou atenção várias vezes para o fato de que comunidades linguísticas que compartilham tradições de uma língua são diferentes das que transmitem coletivamente a tradição textual, mas que podem coincidir casualmente.

Segundo Coseriu (1995, *apud*. FONSECA, 2005, p. 58), toda forma de falar, “correspondente a uma modalidade de uma língua histórica (língua regional, dialeto, nível de língua ou estilo), tem sua própria correção, mas cada modalidade tem, ao mesmo tempo, a sua esfera de alteridade¹”. Ele afirma que um dialeto local, apenas tem vigência nesse lugar específico de onde faz parte, o estilo familiar, também só tem validade no âmbito familiar.

¹ ALTERIDADE (latim- *Alteritas, Alietas*; inglês – *otherness*; francês - *Altérité*; Alemão – *Anderheit, Anderssein*; italiano – *Alterita*). Ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro. A alteridade é um conceito mais restrito que a diversidade e mais extenso que a diferença. A diversidade pode ser também puramente numérica, não assim a alteridade(cf. ARISTÓTELES, Met. IV, 9, 1.018 a 12). Por outro lado, a diferença implica sempre a determinação da diversidade, enquanto a alteridade não a implica. Aristóteles considerou que a distinção de um gênero em várias espécies e a diferença dessas espécies na unidade de um gênero implica uma Alteridade inerente ao próprio gênero: isto é, uma Alteridade que diferencia o gênero e o torna intrinsecamente diverso(Met. V, 8, 1.058 a 4 ss). Do conceito de Alteridade valeu-se Plotino para assinalar a diferença entre a unidade absoluta do primeiro Princípio e o intelecto, que é a sua primeira emanção: sendo o intelecto ao mesmo tempo pensante e pensado, intelecto enquanto pensa, ente enquanto é pensado, é marcado pela Alteridade, além de sê-lo pela identidade(Emm., V, I, 4). De modo análogo, Hegel utiliza o mesmo conceito para definir a natureza com relação à Idéia, que é a totalidade racional da realidade. A natureza é “ a idéia na forma de ser outro(Anderssein)”.Desse modo, é a negação de si mesma é exterior a si mesma: de modo que a exterioridade constitui a determinação fundamental da natureza(Enc. §247). Mas, de modo mais geral, pode-se dizer que, segundo Hegel, a Alteridade acompanha todo o desenvolvimento dialético da Idéia, porque é inerente ao momento negativo, intrínseco a esse desenvolvimento. De fato, tão logo estejam fora do ser indeterminado, que tem como negação o nada puro, as determinações negativas da Idéia tornam-se, por sua vez, alguma coisa de determinado, isto é, um “ser outro” que não aquilo mesmo que negam. “A negação – não mais como o nada abstrato, mas como um ser determinado e um algo – é somente forma para esse algo, é um ser outro” (Enc., § 91). (ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Editora Martins Fontes, São Paulo, 2000, págs. 34/35)

1.3 Determinação e entorno

Coseriu desenvolveu ainda outros conceitos quanto à linguística do falar, que se referem à determinação e entorno. A determinação se caracteriza como um conjunto de operações que servem para dizer *algo acerca de algo com os signos da língua*, ou seja, para “atualizar” e conduzir para uma realidade concreta um signo “virtual”, ou para “delimitar, precisar e orientar e referência de um signo, levando-se em conta a língua como atividade do falar. A determinação é dividida em quatro tipos: atualização, discriminação, delimitação e identificação.

A determinação, segundo o autor, assegura o uso da língua, pois em uma operação pode-se referir-se sem equívoco a um fato atual e particular, por meio de signos que, por si mesmos, em todo o “acervo idiomático”, são virtuais, e em sua grande maioria universais, com muito equívocos. Ainda integra um saber anterior a um conhecer atual, possibilitando o entendimento de fatos diacronicamente díspares mas complementares.

Já o entorno se configura como os elementos circunstanciais da atividade linguística, que o lingüista divide em quatro tipos; situação, região, contexto e universo de discurso cf. (FONSECA, 2005, p.59):

Situação se define como espaço-tempo do discurso como criado pelo próprio discurso e ordenado em relação ao seu sujeito; é uma espécie de circunstância que se cria automaticamente quando alguém fala com outra pessoa acerca de algo.

A região é o espaço dentro de cujos limites um signo funciona em determinados sistemas de significação; tal espaço está delimitado, num sentido, pela tradição linguística e noutro sentido, pela experiência acerca das realidades significativas. Pode ser dividida ainda em três tipos: *zona*, *âmbito* e *ambiente*. A zona como “região” em que se conhece e se emprega corretamente um **signo**. O âmbito como “região” em que o **objeto** é conhecido como elemento do horizonte vital dos falantes. O ambiente como “região” estabelecida social ou culturalmente: a família, a escola, a igreja, etc. (COSERIU, 1979, p. 229 – 230).

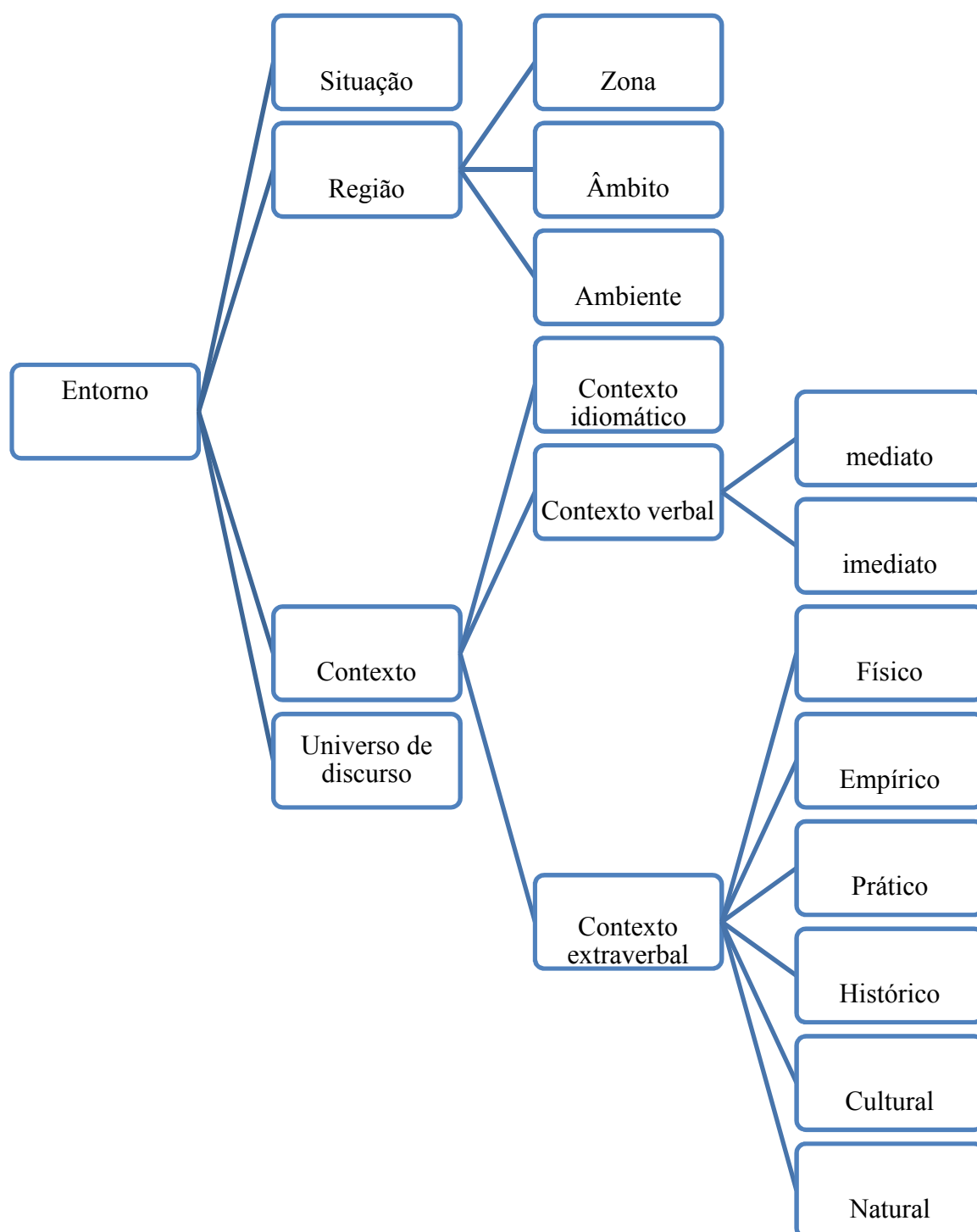
O contexto é toda a realidade que rodeia um signo, um ato verbal ou discurso, como presença física, saber dos interlocutores e como atividade e pode ser de três tipos: contexto

idiomático, contexto verbal e o extraverbal². O primeiro é a própria língua como contexto, como “fundo” do falar, manifesta-se em relação à toda língua como uma parte dela. O contexto verbal é o próprio discurso como “entorno” de cada uma de suas partes. O contexto verbal apresenta duas subdivisões, nas quais ele aparece como contexto verbal **imediato** e como contexto verbal **mediato**. O contexto extraverbal é constituído por todas as circunstâncias não-linguísticas que se percebem diretamente ou são conhecidas pelos falantes e pode ser dividido em cinco subtipos: **físico, empírico, natural, prático, histórico e cultural**. (COSERIU, 1979, p. 232)

Universo de discurso sistema universal de significações a que pertence um discurso ou enunciado e que determina sua validade e seu sentido.

Sobre os entornos, sabemos que é imprescindível que se tenha noção deles para a análise gramatical, pois “participam de maneira quase constante na determinação dos signos e amiúde substituem os determinadores verbais”. (Ibidem, p. 228).

² Os contextos aqui designados não são sinônimos do saber idiomático e expressivo defendidos por Schlieben-lange (1993) por se tratarem de esferas diferentes de análises; no primeira e tomado como saber, conhecimento; e na segunda, como circunstância da fala.

Quadro 2 - O entorno e suas subdivisões

2.1 Sincronia, diacronia e mudança

A memória social, a expressão do passado, o enraizamento na história são indispensáveis à consciência que uma sociedade pode ter de si mesma; a história contribui amplamente para fundar a coerência da sociedade; só ela pode criar o sentimento de uma identidade. A cultura mesma é inseparável da história – inclusive a cultura científica, que não prossegue sem as etapas que a construíram. (MARTIN, 2003, p.130).

No estudo das línguas, a observação muitas vezes é inacessível (MARTIN, 2003, p. 54), pois a própria língua é abstrata e foge a um domínio empírico, sistemático, pragmático, com exceção da fala, tendo como suporte para os estudos as observações possíveis e as hipóteses que podem ser formuladas diante dessas observações. A língua, sendo então um produto social, que precisa de pessoas para ser um instrumento vivo, autônomo (autônomo no sentido de se desenvolver fora de parâmetros ou mesmo sem limites preestabelecidos e fixados por alguém) e heterogêneo, não pode ser isolada da sociedade para ser objeto de estudo nem da história do povo que a domina.

A história e a língua estão intimamente ligadas, visto que a cultura é o conjunto de costumes de um povo, o estilo de vida, as tradições, as literaturas, a língua e etc. Fazendo parte desse conjunto, a língua comprova a sua ligação existente com a história. A realidade da sociedade é que ela muda, pelas novas descobertas feitas, pelas facilidades que o homem vai introduzindo e acrescentando ao seu cotidiano, pelo progresso aliado às mudanças culturais, mudanças essas que estão sempre ocorrendo em todas as áreas, e como a sociedade muda e a língua é um fator social, é cabível e é sabido que a língua muda também, à medida que as outras transformações vão ocorrendo lenta, gradativa e imperceptivelmente (LYONS, 1981, p.172).

As relações sociais, que orientam a língua, vão ganhando novos significados, palavras vão sendo deixadas para trás, novas palavras vão sendo adicionadas na fala das novas gerações assim seja necessário, novas situações desenvolvem ou patenteiam novos tipos de códigos, e assim a língua segue seu curso aceitando as novas mudanças e deixando de lado as expressões não utilizadas com frequência, constituindo o processo de mudança lingüística:

[...] As línguas humanas não constituem realidades estáticas; ao contrário, sua configuração estrutural se altera continuamente no tempo. E é essa dinâmica que constitui o objeto de estudo da lingüística histórica [...] as línguas estão em

movimento, mas nunca perdem seu caráter sistêmico e nunca deixam os falantes na mão. (FARACO, 2005, p.14)

A mudança lingüística é, até certo ponto imperceptível, pelo fato de criarmos uma falsa imagem de estaticidade, pois a mudança que ocorre não acontece na língua por inteiro, no seu todo, mas em algumas partes, e como esse objeto é difícil de ser observado, de serem verificadas mudanças, se tão prontamente analisada, tem-se a falsa aparência de estaticidade. Essa falsa estaticidade é mais facilmente notada pelas culturas que utilizam a escrita, pois a escrita funciona como registro histórico da língua, e como registro histórico pode ser analisada e comparada com a língua atual, daí o fato de a diacronia estudar as línguas no curso do tempo e se utilizar dos registros escritos para fazer as análises de mudanças. A lingüística histórica atua então no estudo das línguas e suas mudanças ocorridas ao longo do tempo, comparando sempre o estado atual da língua com um estado no tempo passado.

Sobre as mudanças, sabemos que elas acontecem mais rápido e perceptivelmente na língua falada, e que os registros escritos têm a função de guardar a língua de uma determinada época, é uma espécie de recorte da língua num dado espaço de tempo, e para a diacronia é bastante importante por justamente servir de *corpus* para o estudo comparativo sincrônico e diacrônico. Mas a modalidade falada da língua está em constantes transformações e mais evidentemente que a língua escrita (FARACO, 2005, p.15), que já sabemos ser um tanto quanto conservadora, mas esta também muda, embora com menos rapidez:

Até as línguas literárias mudam no decorrer do tempo. E as línguas faladas adquiridas na infância e usadas pela vida numa variedade de situações – línguas vivas no sentido completo do termo – mudam muito mais obviamente do que as línguas literárias. Além do mais, nenhuma língua viva é completamente uniforme. (LYONS, 1981, p. 174)

As mudanças têm sido estudadas principalmente sob o foco da passagem do tempo, ou seja, sob a diacronia. A diacronia e a sincronia passaram a fazer parte dos manuais e livros de lingüística teórica desde 1916, com a publicação do livro póstumo de Saussure, *Curso de lingüística geral* (FARACO, 2005, p.95)

O lingüista genebrino entendeu que a língua comportava duas realidades, uma estática (sincrônica) e outra histórica (diacrônica). Na primeira, era vista por suas características

aparentemente estáveis e fixas num dado tempo. Na segunda, era vista pelo aspecto da mudança pela qual passava ao longo do tempo.

Saussure entendia os pares dicotômicos como interdependentes. Todo fato sincrônico tem uma história e ir a fundo num determinado estado nos faz conhecer sua verdadeira natureza e que no fato diacrônico é importante trabalhar com todas as fases da transformação, ou seja, comparar os diversos estados sincrônicos, de forma a evitar erros de compreensão dos acontecimentos. Segundo ele, “a análise apenas sincrônica seria uma abstração teórica, idealizada com objeto de estudo, uma vez que estava consciente do movimento das línguas ao longo do tempo”. (MATTOS E SILVA, 2008, p. 11).

Saussure fazia parte da corrente estruturalista, na qual predominavam os estudos sincrônico-descritivos, embora ele tivesse dado foco à linguística da fala em detrimento da linguística da língua.

Coseriu, em seu livro *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*, publicado em português em 1979, posiciona-se contra a visão estática defendida por Saussure e afirma que a língua é um sistema em movimento, em permanente sistematização.

A língua se faz...: é um fazer-se num quadro de permanência e de continuidade... Mas o fato de se manter parcialmente idêntica a si mesma e o fato de incorporar novas tradições é, precisamente, o que assegura sua funcionalidade como língua e seu caráter de “objeto histórico”. Um objeto histórico só o é, se é, ao mesmo tempo, permanência e sucessão (in: MATTOS E SILVA, 2008, p 11.)

Com os estudos labovianos ou teorias variacionista, a mudança linguística passava a ser vista agora numa diacronia sincrônica. Labov, Weinreich e Herzog defendiam a “heterogeneidade” sincrônica, diferentemente da homogeneidade postulada por Saussure.

1.5 O estudo das Variedades³

De acordo com Fernández (1998), o conceito de variedade é de difícil classificação, o qual ele afirma ser uma manifestação do fenômeno da linguagem, sendo dessa forma, natural. Assim:

“Uma variedade es um conjunto de patrones lingüísticos lo suficientemente homogêneo como para ser analizado mediante técnicas lingüísticas de descripción sincrónica; tal conjunto estaria formado por um repertório de elementos suficientemente extenso y podría operar em todos los contextos normales de comunicación. (FERGUSON, Apud FERNADÉZ, Ibid.)

Os sociolinguistas, no estudo das variedades, buscam estabelecer parâmetros para diferenciar por exemplo, *língua de dialetos*, *socioletos*, *estilo de registros*, tentam, de forma geral, descobrir que fatores, se pessoais, se profissionais, econômicos ou diferenças de gêneros, grau de instrução influenciam para que as variedades existam ou se acentuem mais.

Para relacionar essas variedades, sociolinguistas utilizam o conceito de variantes que seria uma espécie de flutuação do mesmo fenômeno. Junta-se a isso a “análise de fatores estruturais e sociais condicionantes; encaixamento da variável no sistema lingüístico e social da comunidade; avaliação da variável, para a confirmação dos casos de variação ou mudança” Hora (2004).

No caso de nosso *corpus*, utilizaremos as variáveis sócio-interativas: gênero, estilo, a tipologia (condições de intimidade do leitor/autor), participantes, o propósito comunicativo (intenção do autor ao escrever o texto), o suporte (que no nosso caso é o papel) e algumas estruturais como extensão do texto, extensão do vocábulo e a classe de palavras a qual pertence o vocábulo;

Embora o número de variáveis seja maior que as utilizadas aqui, não é necessário para a nossa análise utilizar variáveis como *sexo*, já que os textos foram produzidos apenas por homens, pois trata-se da Igreja Católica, em cuja história teve apenas homens em cargos religiosos.

³ Cf. Calvet(2002, p. 90), o conjunto constituído pelos diferentes modos de realizar a mesma coisa, um fonema, um signo, etc.

Outra variável que não nos permite análise é *participantes*, pois o número de participantes é sempre o mesmo; leitor e o autor do texto.

Além de também não podermos analisar a variável estrutural *tonicidade da sílaba*.

As variáveis sociais como *faixa etária*, *grau de escolaridade*, *profissão* e *sexo* também não serão analisadas pois desconhecemos a maioria desses dados.

1.6 O Nascimento das Tradições Discursivas

Há algum tempo já na linguística, vem sendo usado cada vez com mais frequência o conceito de Tradições Discursivas. Essa teoria nova surgiu na linguística românica e expandiram-se para outros centros de estudos linguísticos, principalmente nos estudos históricos da língua. No Brasil, temos como exemplo o Grupo de Trabalho do Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB) ⁴.

O conceito de TD nasce na Europa, mais precisamente na linguística alemã, baseada especialmente nas teorias coserianas, aceitas como fundamentais pela maioria dos romanistas alemães. Conforme citado anteriormente, Coseriu estuda a língua sob três ângulos diferentes; o nível universal, comum a todos os seres humanos, o falar como feito antropológico e como capacidade de representação do mundo através de signos linguísticos, o nível histórico, como

⁴ O Projeto Para uma História do Português Brasileiro- equipe Rio de Janeiro (PHPB-Rio) foi organizado em 1998 na Faculdade de Letras da UFRJ, integrando-se à proposta de trabalho coletivo lançada no ***I Seminário para a História do Português Brasileiro***, realizado em abril de 1997 pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP). Esse encontro, por sua vez, foi o resultado da articulação entre vários projetos pessoais e coletivos que, a partir de momentos distintos durante a década de 90, se haviam ocupado das questões histórico-linguísticas envolvidas na formação do português brasileiro. Coube aos Professores Doutores Ataliba de Castilho e Rosa Virgínia Mattos e Silva a tarefa de reunir, naquele primeiro seminário, professores, pós-graduandos e graduandos a fim de estabelecer as primeiras idéias de uma investigação coordenada. Essa iniciativa garantiu a continuidade do trabalho sob um mesmo plano geral. Nascia, assim, o Projeto Nacional Integrado ***Para a história do português brasileiro*** dividido em equipes regionais por todo o país.

A equipe carioca, que tem suas raízes no Projeto NURC-Rio, deixa disponível, desde já, na ***internet***, seu ***corpus diacrônico***: transcrições de impressos do século XIX e edições diplomático-interpretativas de manuscritos dos séculos XVIII e XIX. Essa ação pioneira contribui para que a comunidade acadêmica venha a trabalhar com dados mais seguros na reconstrução da história do português brasileiro, a modalidade linguística de mais de 160 milhões de pessoas. O material será ampliado no compasso veloz dos que, prazerosamente, perdem a noção do tempo vasculhando seu passado no silêncio dos arquivos e das bibliotecas

língua historicamente marcadas e que se atualiza no terceiro nível e o particular, caracteriza-se como textos ou discursos concretos.

De acordo com Kabatek (2004):

Os três níveis estão concomitantes quando se fala e unicamente se poderiam derivar a partir de atos concretos, já que não se pode falar “universalmente” sem falar uma língua e sem produzir textos, e não se pode falar uma língua como sistema de signos sem que seja mediante textos. Existem porém, a necessidade de separação desses níveis na investigação de uma questão linguística concreta.

A origem dos estudos que culminam com as TD encontra-se na linguística de texto e na pragmática quando o Brigitte Schlieben-Lange iniciou uma proposta de pragmática histórica, cuja ideia era relacionar a oralidade à escrituralidade. Peter Koch (1997), a partir dessa proposta redefine o esquema proposto por Coseriu e dele, junto com Wulf Oesterreicher (1997) trabalham na definição de TD.

Entretanto, as definições de TD parecem ainda não ter achado uma exatidão, pois ainda se estuda o que exatamente é uma Tradição Discursiva e a própria metodologia de análise não é clara, os conceitos muitas vezes ao tomados de outras correntes como é o caso de correntes como Gramaticalização, Análise do Discurso e Análise de Conversação. Kabatek (apud. SIMÕES, 2009) propõe:

Entendemos por Tradição Discursiva (TD) a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos lingüísticos empregados” (Kabatek, 2006:512, grifos nossos)⁵.

⁵ Tradução SIMÕES (2009) do original em alemão: “Man muss die Sprache nicht sowohl wie ein todes Erzeugtes, sondern weit mehr wie eine Erzeugung ansehen (...). Sie selbst ist kein Werk (*Ergon*), sondern eine Thätigkeit (*Energia*). Ihre wahre Definition kann nur daher eine genetische sein. Sie ist nämlich die sich ewig wiederholende *Arbeit des Geistes*, den *articulirten Laut* zum Ausdruck des *Gedanken* fähig zu machen” (Humboldt, 1963 [1836]:416-418).

Assim, as TD marcam principalmente a relação temporal entre um texto ou uma determinada característica com outro texto ou a história desse texto. A TD é importante por que num estudo sobre mudança linguística ela nos permite avaliar os processos de gramaticalização, de continuação ou descontinuação de evolução textual (KABATEK, 2001, p. 100).

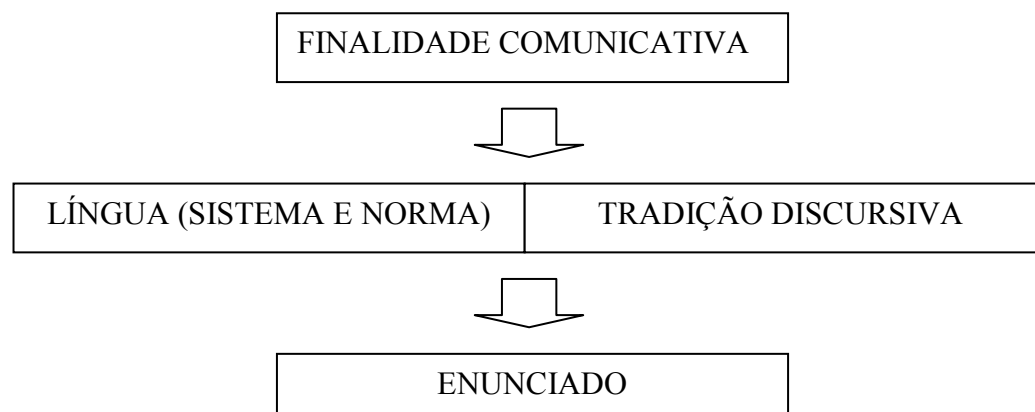
Mesmo as TD sendo um aporte teórico que avalia a estrutura e as características de um determinado texto, elas não são equivalentes a gêneros textuais, pois ao analisar seu objeto de estudo, o texto, se utiliza de conceitos como *evocação*, *repetição*, *atualização* e *tradição*. E suas intenções não são apenas estudar os aspectos composicionais do texto, suas propriedades formais ou funcionais, mas também, observar de que forma uma língua específica é afetada pelas atualizações, inovações e se permanecem algumas tradições e quais, ajudando assim a traçar um panorama mais completo de uma mudança ou não. (SIMÕES, 2009, p. 3)

Dessa forma as TDs também estudam dentro de seu campo de estudo os gêneros como os conhecemos mas vai além ao delinear as características presentes em cada fase de um determinado texto.

Para um texto ser uma Tradição Discursiva é necessário que ele seja antes de tudo, uma tradição. Que ao ser pronunciado ou lido instantaneamente o leitor saiba de que gênero se trata, quais a características como tipo, estilo, a linguagem.

Ante a consideração, a atividade do falar, tem uma finalidade comunicativa exata e atravessa dois filtros concomitantes até chegar ao ato comunicativo; o primeiro filtro corresponde à língua; o segundo corresponde às Tradições Discursivas:

Quadro 3. Tradições Discursivas



Consoante exemplo de Kabatek (2006), quando se encontra uma pessoa na rua e se tem a finalidade de saudá-la, encontra-se essa resposta não apenas no léxico e na gramática do português do tipo “Oi, emito uma saudação para você” mas na tradição estabelecida que nos manda dizer “bom dia”.

Segundo o mesmo autor, são Tradições Discursivas textos historicamente estabelecidos como a saudação, o agradecimento, a promessa e além dessas, as TD podem estar nos textos escritos, como os gêneros jurídicos, as atas, requerimentos e etc. Textos ligados a instituições.

1.7 Os Gêneros do Discurso

Como sabemos, os gêneros vêm sendo bastante estudados desde Platão e Aristóteles com estudos que inicialmente eram voltados para a Retórica. Esse campo de análise vem sendo foco de algumas discussões que vão desde o próprio conceito de Gêneros até sua classificação.

Além disso, a própria denominação suscita debates, pois alguns tratam de Gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003), outros de gêneros textuais (MARCUSCHI, 2005), criando uma espécie de área de intersecção que é a que engloba uma definição mais geral do que seja gênero e atribuindo ao conceito de gêneros discursivos o adjetivo complexo pela diversidade de idéias que formaram a respeito de tão discutido tema e embora haja essa diversidade, alguns teóricos conseguem estabelecer uma espécie de delimitação e esclarecimento do que deve ser feito no estudo dos Gêneros e qual o seu sentido.

Permanecendo na linha de raciocínio de Bakhtin, vemos algumas considerações que ele formula sobre o assunto:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (Bakhtin, 2003, p.262)

Fica clara a idéia de que a língua e, conseqüentemente a os Gêneros, estão em todas as esferas humanas e por que não dizer, em todos os âmbitos da vida social, e estendendo um pouco mais, em todas as classes e numa diversidade que existe a partir da situação que pode ser diferente em vários casos e depende, por exemplo, da posição social, das relações pessoais entre os indivíduos, do grau de intimidade que esses indivíduos possuem (BAKHTIN, 2003, p. 282) e do ambiente no qual estão inseridos. Daí infere-se que essa presença constante dos gêneros se dá através dos usos que se faz da língua em forma de enunciados, orais ou escritos, que “refletem as condições de produção e os propósitos comunicativos dos sujeitos que nelas se interrelacionam, refletindo assim as condições específicas de cada uma dessas esferas.” (CATUNDA e SOARES, 2007, p. 113).

Esses enunciados, por sua vez, constituem os Gêneros que só são possíveis porque se usa uma língua e a justificativa do uso dela é a necessidade que o homem tem de auto-expressar-se, de tornar-se objetivo (BAKHTIN, 2003, p. 269.), construindo uma relação quase inevitável e necessária.

Segundo o autor “qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso”. (idem,p.279) Bakhtin relaciona a produção dos gêneros às esferas, ou áreas de atividade humana que contribuem para a delimitação do tipo do enunciado a ser usado ou mesmo o gênero a ser produzido. Assim, concluímos que na escola serão produzidos gêneros escolares, no espaço publicitário serão produzidos gêneros publicitários e assim por diante.

Podem ser primários e secundários que conforme definição de Bakhtin estão diretamente ligados às condições de produção e segundo sua lógica situações mais diretas, de comunicação discursiva imediata são propícias ao desenvolvimento de gêneros primários e situações mais complexas ao desenvolvimento de gêneros secundários⁶. Formas amplas de definição e que ele considera de extrema importância para que seja feito um trabalho pragmático de elucidação da natureza sutil da linguagem.

Há, no entanto, hoje, uma variedade muito grande de gêneros, a heterogeneidade discursiva e que se propusermos uma nova divisão aparecerão muitos outros além dos que

⁶ Cf. Bakhtin os gêneros primários (simples) são os determinados tipos de diálogos orais, de salão, íntimos, de círculo, familiar-cotidiano, sociopolítico, filosófico, e os gêneros secundários (complexos) são considerados as predominante escritos como os literários, publicísticos, científicos (2003, p. 268).

foram citados por Bakhtin na obra *Estética da criação verbal*. E diante de uma diversidade como a que existe nos gêneros, Bakhtin propõe essa categorização ampla. Um fato também que deve ser considerado, no entanto, é a época em que foram feitos os estudos do autor. Essa diversidade segundo o autor é causada pela diferença existente de situações em que são produzidos, bem como “da posição social e das relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação” (Apud, 2003, p. 284).

Já Marcuschi (2005, p.19), conceitua os Gêneros como todo grupo de produções verbais que são produzidas de forma organizada de modo que construa um todo coerente:

Fruto do trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa [...] Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos.

Conquanto sejam relativamente maleáveis os gêneros podem conter pequenas variações em sua estrutura, e mesmo as regras sendo implícitas (POSSENTI, 2009, p. 11), um leitor/falante sabe quando houve modificação no gênero.

Outra definição nos é dada por Machado (2005) no livro Bakhtin: dialogismo e construção do sentido em que o caráter dialógico é a instância de criação e acabamento do objeto estético (MACHADO):

[...] o gênero não pode ser concebido senão como um conceito plural: reporta-se às formações combinatórias da linguagem em suas dimensões verbal e extraverbal. Além disso, articula formas discursivas criadoras da linguagem, de visões de mundo e de sistema de valores configurados por pontos de vista determinados. Machado (2005, p. 133)

Segundo esse princípio, a linguagem e os gêneros só existem em função da ideia que se tem do outro, ou seja, da alteridade, pois, é impensável considerar o homem fora das relações que o ligam ao outro.

Sobre a definição de gêneros não é apenas a esfera ou a estrutura que os determinam, pois como afirma Possenti (2009), podemos encontrar um texto de 14 linhas divididas em quatro estrofes, duas de quatro versos e duas de três e não tratar-se de um soneto.

E para que o gênero seja identificado como tal é necessário que ele esteja historicamente marcado, ligado a uma determinada esfera e possua uma estrutura específica.

1.8 O estilo em Bakhtin

Considerar a dimensão estilística da produção verbal, visual ou mesmo verbo-visual, parece, ao menos para os lingüistas, uma maneira de lidar com o discurso, com a enunciação, dentro do domínio dos estudos literários ou artísticos, na medida em que o tema, de longa data, é propriedade das vertentes diretamente interessadas nas particularidades expressivas de determinados autores, poetas, artistas em geral, ou nos conjuntos de características que definem determinados movimentos artísticos, também denominados estilos de época, caso do romantismo, do impressionismo, do cubismo etc. Beth Brait

As afirmações acima nos fazem pensar as questões de estilo discutidas na contemporaneidade, discussões que tem como eixo central as idéias de Bakhtin que ele formula a partir das concepções de enunciado. Bakhtin vê a linguagem como interação social que tem como objetivo a comunicação; comunicação entre falante/ouvinte, entre um eu e um tu, (BRANDÃO, 2005), o que determina o caráter dialógico da linguagem. Para ele “o estilo está indissoluvelmente ligado ao enunciado” e sendo esses enunciados formas típicas de discurso o que se caracteriza como gênero, pode-se concluir que está consequentemente ligado ao gênero o que o faz afirmar “onde há estilo há gênero”.

Ele afirma que “todo enunciado é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante” (2003, p. 265) e essa individualidade pode ser vista aqui como sinônimo de estilo, porém afirma também que nem todos os gêneros são passíveis de refletir essa individualidade, segundo ele os que menos refletiriam essas características individuais seriam aqueles de formas mais padronizadas como em muitas modalidades de documentos oficiais nos quais teríamos aspectos superficiais de individualidade e ressalta que na maioria dos gêneros com exceção dos artístico-literários, o estilo individual não está claro na superfície do enunciado (2003, p. 265-266).

Ao tratar de estilo individual, Bakhtin também fala em estilo em geral, mas apenas define o estilo individual deixando sem mais explicações a definição de estilo em geral, conceito esse que ele diz necessitar de um estudo mais aprofundado tanto da natureza do enunciado quanto da diversidade de gêneros (2003, p. 266). '

O conceito de estilo também não se confunde com a noção de tipo, sobre a qual Fiorin (2005) afirma estar cima do conceito de gênero. Os tipos são poucos, os quais ele menciona como: narrativo, descritivo, expositivo, opinativo, argumentativo e injuntivo.

O estilo é uma marca individual e mais uma espécie de reflexo, as escolhas do locutor é que definem seu estilo. Por exemplo, se um autor comumente recorre a um determinado tipo, narrativo, descritivo ou outro para produzir e trás traços linguísticos, estruturas verbais que se repetem em seus textos pode-se avaliar essas marcas como constituintes de um estilo individual.

Na nossa análise, verificaremos que tipos, gêneros são mais comumente empregados e se têm relação com aparecimento ou não de abreviações no texto.

CAPÍTULO II

2. História dos textos

2.1 Sobre a escrita

Desde a sua invenção com os fenícios, e o aperfeiçoamento do chamado invento Grego, a escrita vem passando por uma série de mudanças ao longo dos séculos. Mudanças de símbolos, da escrita ideográfica à cuneiforme, da cuneiforme à alfabética, de formas, de significados, acréscimos, decréscimos. Talvez pudéssemos explicar isso levando em consideração o que Havelock (1996) diz: “a escrita era e é um instrumento de reconhecimento acústico”. Assim sendo, a língua escrita existe inicialmente por causa da língua falada e esta mutável como é, causa consequentemente as mudanças na língua escrita.

Além disso, devemos ter em mente que a língua sempre foi um instrumento de poder. “A linguagem ocupa a posição central, a função de comunicar ao ouvinte a posição que o falante ocupa ou acha que ocupa na sociedade em que vive”, (GNERRE, 1985). A língua foi usada dentre outras estratégias, para dominar povos em muitas guerras, impostas quando povos eram dominados. Os povos que detinham a escrita conquistavam vários povos ágrafos e disseminavam a cultura escrita ao longo dos séculos, apesar de que, durante a Idade Média, apenas os nobres e o eclesiásticos sabiam e podiam ler sem censura.

A escrita, é importante salientar, acompanha as mudanças tecnológicas, pois desde sua invenção mudou de suporte várias vezes passando pelo papiro, códice, manuscrito, impresso, até chegar à forma digital. E a cada mudança pressupomos um alcance maior de público e a difusão da visão de que era necessário aprender a ler e escrever para se sair melhor nas relações sociais.

Chartier (1999) separa dois momentos que ele considera revoluções da escrita:

A primeira revolução na leitura no início da Idade Moderna foi, assim, de maneira geral, independentemente da revolução tecnológica na produção de livros. Ela teve raízes em mudanças ocorridas nos séculos XII e XIII que transformaram a função mesma da palavra escrita, substituindo o modelo monástico, que atribuía à escrita uma tarefa de preservação e memória em

grande parte dissociada da leitura, pelo modelo escolástico que tornou o livro tanto um objeto como instrumento de trabalho intelectual. (CHARTIER, 1999, p. 23, 24).

A segunda revolução na leitura ocorreu durante a era da impressão, mas antes da industrialização da produção do livro. Tal revolução, ocorrida na Alemanha, Inglaterra, França e Suíça, durante o século XVIII apoiou-se em diferentes circunstâncias. O crescimento na produção do livro, que triplicou e quadruplicou entre o início do século e os anos 80, a multiplicação e transformações de jornais, o triunfo dos livros de pequeno formato e a proliferação de instituições (Sociedades de leitura, clubes do livro, biblioteca de empréstimos), que tornaram possível de ler livros e periódicos sem ter que comprá-los. (idem)

No século XVIII estava quase que totalmente difundida a idéia do valor da escrita. Com a industrialização, a imprensa e valorização da idéia de aprender a ler houve um crescimento no número de escolas de alfabetização e um incentivo maior dos governos.

Outra mudança que influenciou a escrita foi a era digital, a invenção do computador que proporciona não apenas uma nova forma de ler, mas um novo sentimento em relação ao texto lido. Segundo Osakabe (1995), escrita possui uma certa tendência ao monólogo, os textos impressos, documentos oficiais são menos permeáveis à dialogação e segundo Chartier (idem, p. 27) “O mundo dos textos eletrônicos também remove a rígida limitação imposta à capacidade do leitor de intervir no livro” e que ainda segundo ele “as estratégias de publicação sempre moldaram as práticas de leitura” (Ibid, p. 30).

Bakhtin, porém, afirma que a linguagem é por natureza dialógica. Mesmo um texto escrito sem um destinatário é escrito sob a imagem de um outro, pois, a alteridade é o princípio que rege a comunicação. Dessa forma, mesmo os manuscritos do nosso *corpus* que foram escritos apenas para registrar as ocorrências da Igreja tem um destino e foi pensada para o leitor que leria esse registro.

A escrita dos manuscritos dos séculos anteriores, XVIII, XIX e XX, de maneira geral, demonstra, ao contrário do que percebemos hoje, uma grande preocupação com a tradição, com a norma culta, conforme Fonseca (2005), e considerando a estreita relação entre língua e sociedade, percebemos que a escrita colonial segue as regras e os padrões conservadores da época, por isso a importância de contextualizarmos a época em que os documentos foram escritos.

E embora nosso *corpus* sejam dos séculos XIX e XX nos quais o poder da escrita já estava bem delineado na sociedade e arraigado é necessário que observemos como chegamos até aqui, quando a escrita se iniciou e quais os fatores que contribuíram para que ela se disseminasse e se tornasse tão importante para a vida moderna.

2.2 Tipos de escrita

2.2.1 A escrita não-alfabética

Os registros mais antigos de escrita que conhecemos através de documentos são os do povo sumério, a escrita cuneiforme⁷, ou seja, em forma de cunha. Conforme Higounet (2003), os sinais eram traçados em tabuletas de argila “com um junco cortado obliquamente segurado com a mão fechada, mais raramente gravados sobre pedra, se apresentavam com efeito, ordinariamente, sob a forma de combinações de pregos triangulares”.

Figura 1. Tabuleta de argila com a escrita cuneiforme



Fonte: <http://lerparacer.wordpress.com/page/65/?archives-list&archives-type=cats>

⁷ Segundo Higounet (2003), a escrita não era ainda cuneiforme, ela estava no estágio semipictográfico em que quase se reconhece nos sinais o objeto representado. Ao longo do tempo a escrita suméria evoluiu e se tornou verdadeiramente cuneiforme por seu aspecto exterior e meio analítico, meio fonética por seu mecanismo interno.

Além dessa escrita não-alfabética, são conhecidas as escritas egípcia, “hitita” hieroglífica, proto-indiana e cretense, a chinesa, as americanas pré-colombianas, as escritas silábicas cipriota e persepolitana.

Segundo Higounet (2003, p. 30):

Alguns cientistas levantaram a hipótese da origem comum das escritas do mundo antigo: sumério, proto-elamita, egípcio, proto-indiano, chinês. Outros tentaram descobrir num “proto-sumério pictográfico” o ancestral de todas as línguas escritas. Não há dúvida, porém, que há entre elas algumas semelhanças internas. São todas escritas analíticas, “escrita de palavras.”

Afirma ainda, ser possível que elas hajam surgido de uma mesma idéia; mas do ponto de vista da forma, cada civilização realizou essa ideia por seus próprios meios. Cada uma inventou um meio de expressá-la. De forma que os Sumérios criaram o sumério, Elam, sua escrita, e o Egito e a China a escrita deles.

Embora o sumério seja uma escrita cuneiforme, em uma longínqua e primeira Era o sumério iniciava-se como uma escrita semipictográfica em que é possível identificar os objetos representados nos sinais. A passagem do estágio semipictográfico para caracteres cuneiformes explica-se por razões materiais, de forma que, para escrever mais rapidamente, os escribas substituíram os dois instrumentos, cálamo para os traços, cunha arredondada para algumas marcas, cujo uso é visto nas tabuletas arcaicas de argila.

As mudanças de manuseio com as tabuletas trouxeram usos inéditos, experiências e resultados inesperados, um exemplo disso era manter a mão obliquamente nas primeiras tabuletas permitiu o traçado vertical dos sinais e facilitou a disposição destes em colunas de alto a baixo.

Além dessa mudança, outra que fez mudar totalmente e tornou os pictógrafos primitivos irreconhecíveis foi o uso de tabuletas maiores que propiciou a linha horizontal, pois, os escribas com tabuletas maiores tiveram de colocá-las de frente para si e a escrita fixou-se em uma linha da esquerda para a direita. (HIGOUNET, 2003)

Higounet demonstra como aconteceu a evolução interna da língua suméria. Segundo ele, o fato ocorreu devido à necessidade de notar a língua sem criar desmesuradamente um número de sinais que correspondessem a cada palavra da língua. Cria-se então o *gunu* (traços suplementares reforçando a idéia expressa por um sinal: por exemplo, quatro pequenos traços acrescentados ao desenho da palavra *homem* dão sentido de *rei*) forneceu um meio.

Outra forma de lidar com a necessidade de caracteres que representassem a língua mas não multiplicassem os sinais foi a ideia de agregado lógico, dois sinais que exprimiam algo quando justapostos indicavam uma nova ideia. Por exemplo, *mulher* e *montanha*, justapostos, dão o sentido de *escravo*.

Além disso, em consequência da existência de palavras homófonas, viabilizou-se o procedimento do *rébus*, ou seja, a escrita de palavras novas pelas justaposição de sinais dos quais só se conhece o valor fonético.

Outros povos utilizaram-se da escrita suméria, como os acádicos, babilônios e assírios. O sumério tornou-se no segundo milênio a escrita da diplomacia internacional.

A escrita egípcia também foi uma das escritas mais importantes no mundo antigo. Com seus hieróglifos⁸, que para o povo egípcio era a fala dos deuses, era uma escrita de palavras, por meio de ideogramas ou mesmo a tentativa de representação dos elementos fonéticos, a exemplo da escrita sumero-acádica.⁹

Essa escrita mesclava elementos ideográficos, (representações de coisas concretas, como o sol, uma montanha, a água ou ações, comer, ir, lutar), com elementos fonéticos. E em um determinado momento da história, com o uso de *rebus*, chegou a usar elementos com valor de consoantes isolada, o que conservou como uma espécie de esqueleto da palavra.

Existiram outras escritas não-alfabéticas oriundas de outros povos, como a escrita hitita, a chinesa, a americana pré-colombiana, e as silábicas cipriota e persepolitana, nas quais coexistiram juntos elementos fonéticos e ideográficos, e, são de difícil classificação no quadro em que categorizam as escritas como analíticas, silábicas.

⁸ Depois dos hieróglifos os egípcios simplificaram a escrita que resultou na escrita hierática e ainda a escrita demótica que é mais simples que a hierática, porém provém dela e seu sistema é o mesmo usado nos hieróglifos.

⁹ Outra denominação para a escrita cuneiforme desenvolvida pelos sumérios. Cf. HIGOUNET (2003, p. 29).

2.2.2 A escrita Alfabética

A definição de alfabeto, segundo FERREIRA (2008), num primeiro sentido é a disposição convencional das letras numa língua ou ainda, conforme HIGOUNET (2003), um sistema de sinais que exprimem os sons elementares da linguagem.

O nome vem da palavra latina *alphabetum*, formada pela junção dos nomes das duas primeiras letras do alfabeto grego; *alpha* e *beta*.

A origem do alfabeto remonta aos egípcios com a ideia de escrever consoantes isoladas, a mesma ideia, porém tiveram os gregos adaptando o sistema de escrita dos fenícios acrescentando vogais e criando assim a escrita alfabética.

Como sabemos, a escrita inicial era basicamente pictográfica, mas surgiam problemas para a representação nomes como nomes de pessoas. Pois se a escrita era um sistema de representação de ideias, podia representar um homem fazendo uma figura de tal, e, se o nome do homem fosse coelho, poderia-se representar com a figura de um homem e de um coelho, mas, se o nome do homem fosse Henrique, como poderia ser representado através desse sistema ideográfico? Sobre isso afirma Cagliari (2009):

Os símbolos eram muito numerosos, assim como a relação de coisas a serem representadas, que se tornavam cada vez mais complexas. Os pictogramas cederam lugar, então, aos silabários, sinais representando os sons das sílabas.

Mudou o ponto de partida da escrita, que passou do significado para o som das palavras, de ideográfica a fonográfica.

Devido à complexidade desse sistema o pictograma dá lugar à escrita silabária e os sinais passam a representar sílabas. Percebe-se aí a mudança de orientação no que diz respeito à forma de registrar, passa-se a representar os sons e não mais as ideias como era no sistema ideográfico. Essa nova orientação reduziu consideravelmente os sinais usados para grafar.

Esse novo sistema foi observado nos escritos dos povos semíticos que habitavam a região da mesopotâmia, especificamente na cidade de Biblos, cujos registros foram gravados

em pedra e bronze e somam um total de 10 textos. A língua encontrada é a língua fenícia, com muitos sinais, cerca de 114 que eram usados para representar os sons. (HIGOUNET, 2003, p. 61).

Depois da difusão da escrita de Biblos houve a criação do alfabeto fenício. Esse alfabeto em contava 22 duas letras com formais mais angulosas e mais delgadas que as primeiras letras fenícias. Apresentava uma escrita cursiva, traçada a tinta em argila ou papiro e aparece no século V a.C com traçados alongados e contínuos.

Depois do alfabeto fenício o mais importante para o ocidente e a nossa escrita atual foi o alfabeto grego, o invento grego, cuja origem tem base no alfabeto fenício. Ele foi intermediário ocidental entre o alfabeto semítico e o latino, e essa condição intermediária não foi apenas histórica, mas geográfica e gráfica, além de estrutural, pois os gregos foram os primeiros a ter ideia de registrar os sons das vogais.

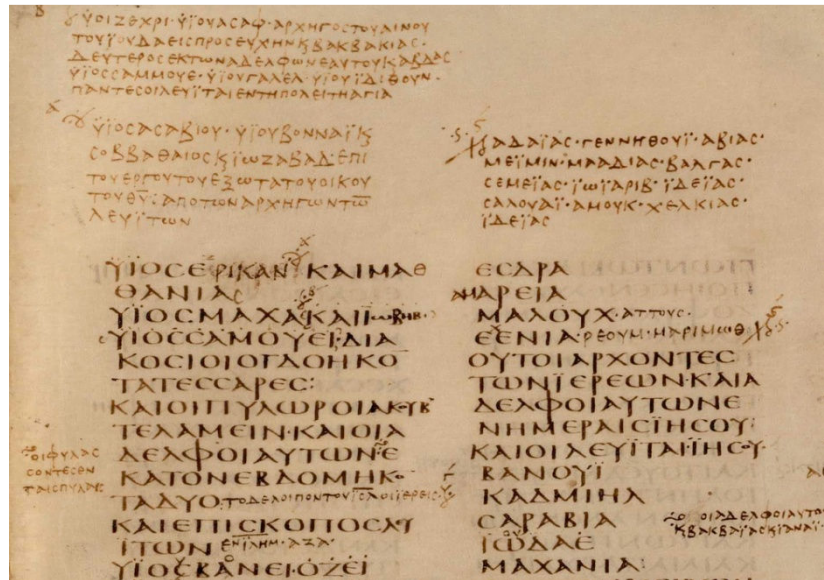
Os gregos atribuíam a introdução do alfabeto a Cadmo, fundador da cidade de Tebas, que trouxe dezesseis letras da Fenícia, e cuja evolução se deu pelo acréscimo de quatro letras por Palamedes, durante a guerra de Tróia, e mais tarde, o poeta Simônides de Céos acrescentara outras quatro. Após uma série de mudanças, introdução de mais letras ou eliminação de algumas estava constituído o alfabeto grego.

Um dos fatos que mais chama atenção na evolução da escrita e do alfabeto é como ela acontece, sempre motivada por interesses econômicos, necessidade de vida intelectual e cotidiana, assim, a escrita grega começou a se diversificar em categorias, segundo o material usado e destinação do texto. (HIGOUNET, idem).

A exemplo da diversidade tem-se o papiro como um dos materiais mais antigos da história da escrita, na era helenística distingue-se três tipos mais importantes: a escrita de livros; a escrita de chancelaria; a escrita dos documentos privados.

A escrita dos manuscritos é caligráfica; as formas não se distanciam dos modelos clássicos; é estritamente ornamental. Três clássicos manuscritos evidenciam essa escrita: o manuscrito do Vaticano, o de santa Catarina de Sinai e o de Alexandria. A escrita desses livros é chamada de uncial.

Figura 2. Escrita uncial do pergaminho de santa Catarina de Sinai¹⁰.



http://www.codexsinaiticus.org/en/img/CS_36_4r_detail_full.jpg

A escrita de chancelaria é a do meio administrativo, dos escritórios gregos e dos romanos no Egito. Apresentam caracteres ligeiros, grandes e ultrapassam em cima e embaixo das duas linhas horizontais de escrita.

A escrita dos documentos privados é, da mesma forma, ligeira e cursiva, possui caracteres ligados uns nos outros pela rapidez com que é feita.

Mais tarde a escrita grega foi readaptada pelos romanos, constituindo o sistema alfabético Greco-romano, que deu origem ao nosso alfabeto. No entanto, para esse trabalho não é necessário discorrer sobre a escrita latina, apenas concentrar as ideias na descrição da escrita medieval e observar aspectos da escrita dos manuscritos.

¹⁰ Codex Sinaiticus – o livro foi mantido no Mosteiro de santa Catarina de Sinai durante muitos séculos. A primeira parte foi encontrada em 1844 e a segunda, em 1859. As folhas do Codex medem 13 x 15 polegadas. O texto é escrito em caracteres unciais, sem pontuação, exceto ocasionais apóstrofes e períodos. É escrito em quatro colunas na página (exceto nos livros poéticos, os quais são escritos em duas largas colunas). Existem 48 linhas por coluna (exceto nas epístolas católicas, as quais têm 47 linhas por coluna). A maior porção do Sinaiticus (346 folhas, 199 das quais são o VT) está guardada na Biblioteca Britânica

2.3 O manuscrito e a escrita medieval

Durante muito tempo, a escrita a mão foi a única forma de comunicação escrita existente, até a invenção da imprensa, por Gutenberg, mas, antes disso, na Idade média, o registro escrito era feito em códices de pergaminho, forma comum do livro de autoridades e padres, viajantes e estudantes (MANGUEL, 1997, p. 151).

Entre os séculos XII e XIII, a escrita que era exclusiva dos monastérios difundiu-se pelo mundo dos leigos. Uma das causas foi a necessidade de crescimento intelectual aliada à criação de universidades, cujo cenário tendia a requerer mais materiais para serem lidos e consequentemente passou-se a produzir manuscritos organizados em corporações. O próprio setor administrativo fez crescer ainda mais a necessidade dos escritos.

Além dos livros (manuscritos), cartas legislativas, registros de chancelaria, de coletânea de registros tanto da esfera pública quanto da esfera privada, o contexto de criação da vida burocrática favorece o crescimento de registros administrativos e de jurisdições, de deliberações, livros contábeis e registros de notários (HIGOUNET, 2003, p. 140)

O códice ocupou um lugar de destaque nessa época, pois, ao contrário das tabuletas de argila, ele permitia a fácil locomoção, consultar vários textos com facilidade e em ambos os lados das folhas podiam conter textos e as quatro margens facilitavam a inclusão de comentários, permitindo ao leitor se sentir mais próximo da história, colocar observações diversas.

O códice e a caligrafia dos manuscritos da era medieval são de interesse dos estudos paleográficos, pois a pesquisa sobre a escrita antiga nos diz muito sobre a escrita atual, as mudanças que ocorreram e talvez os motivos que levaram a ocorrer e ainda é uma busca de interpretação correta de tais documentos (CAMBRAIA, 2005, p. 23 *apud*. ANDRADE, 2008/2008, p. 150).

A forma da escrita, o traçado, a dimensão das letras, a ortografia, o tipo de alfabeto utilizado, a contextualização do período em que foi escrito o documento fazem parte de uma análise paleológica mais detalhada e permitirão um resultado mais específico sobre as características dos documentos.

Em estudos paleográficos, históricos, a principal dificuldade com os manuscritos é identificar, reconhecer e interpretar as letras, as abreviações (braquigrama), que segundo Spina (1977), Berwanger (1995) são a essência da interpretação dos documentos.

Sobre esse assunto Acioli (2003, p. 45-48), afirma que foi muito usada nos manuscritos, “em razão da variedade e conseqüentemente do custo elevado do material da escrita”, o que parece não ser o caso dos documentos analisados neste trabalho pois durante a pesquisa observamos nos livros muitas paginas em branco no final.

A escrita medieval apresenta três momentos distintos numa escala de evolução: a escrita carolíngia, a gótica e a humanística. A escrita carolíngia apresenta letras alongadas, delgadas, de hastes bem altas e tornadas pesadas por ligaduras empregadas pela chancelaria no século VII; a escrita gótica substituiu a carolíngia mas preservou as formas e ducto mas “as ligaduras e os traços adventícios reaparecem na escrita gótica; os traços verticais e horizontais são mais denso; as curvas são esmagadas em adensamentos rapidamente adelgaçados por ângulos agudos” (HIGOUNET, idem); Já a escrita humanística é uma espécie de renovação da escrita carolíngia e acontece no século XV, é erudita e possui aspecto mais delgado que a carolíngia, suave, traçada com penas pontudas.

Embora poucas pessoas pudessem escrever no período inicial da Idade Média, a escrita também teve suas diversificações entre a erudição e a popular, pois havia começado a se difundir, o que possibilitou uma diferenciação de estilos:

A Idade Média se conclui, por conseqüência, com cinco tipos principais de escrita latina, todos surgidos aliás da escrita carolíngia: a escrita corrente gótica, comum e popular; a letra de forma, caligrafia de luxo e escolástica; a bastarda, derivada das duas precedentes; a escrita humanística e sua expressão cursiva, escritas eruditas e modernas. Foi entre esses tipos de escrita que os primeiros fundidores de tipos gráficos escolheram seus modelos e deles provêm nossas escritas atuais. (HIGOUNET, 2003, p. 145)

2.4 As abreviaturas

A abreviação é cada vez mais perceptível na linguagem moderna, seja a virtual ou a real. Embora se pense que a abreviação é uma consequência da modernização dos meios de comunicação escrita e da instantaneidade, ela podia ser vista nos textos dos séculos anteriores, como por exemplo, os séculos XVIII e XIX em cartas, documentos oficiais, atas, certidões, documentos jurídicos.

Na idade Média, a abreviação era comumente usada e esse fenômeno é visto como um dos aspectos que caracterizam a escrita medieval com o principal motivo de ganhar tempo e economizar o pergaminho.

Antes mesmo do período médio da história a abreviação também foi encontrada em inscrições latinas no século II a.C, siglas, letras iniciais representando palavras inteiras, letras coladas com intuito de fazer economia de traços e espaço, e ao mesmo tempo os romanos utilizavam-se das chamadas notas tironianas cujo sistema de abreviação é realizado por um radical, letra ou sílaba que substitui a palavra e tem a adição de um sinal auxiliar de terminação correspondente a uma desinência.

A essa técnica de abreviar, reduzir, dá-se o nome de braquigrafia, cuja palavra vem do grego **braqui** = curto e **graphien** = escrever.

Para explicar esse sistema usa-se duas correntes; uma tradicional que admite sua origem latina e outra paleográfica orientada por Traube que tenta provar a origem bíblica das abreviaturas. (ACIOLI, 1994, p. 45)

A corrente tradicional afirma que o sistema braquigráfico deriva de um uso corrente dos romanos de abreviação (ACIOLI, 1994.):

1. As siglas, que consistiam no uso apenas da primeira letra acompanhada de um ponto, como ainda hoje é utilizada;
2. As notas Tironianas, cuja criação é atribuída a Enio, o elaborador das primeiras notas, no entanto o nome tironianas vem de Túlio Tiron que usou um número

maior de notas. Essas notas eram usadas para trasladar os discursos pronunciados nos comícios e em tribunais. Existem dois tipos de notas tironianas: - o primeiro em que é encontrado um radical ou sinal principal e uma terminação. O radical podia ser tanto apenas a letra inicial, quanto a sílaba inicial ou a primeira letra de cada sílaba; - o segundo corresponde a uma substituição de cada palavra por um sinal especial.

3. Notae Juris – estas notas derivam das tironianas e tiveram pouca popularidade, são utilizadas somente em documentos jurídicos. Consistiam na substituição de palavras por um radical e terminação.

Segundo o paleógrafo Traube, a abreviação tem origem quando as traduções Greco-latinas da Bíblias começaram a ser feitas, pois os hebreus ocultavam os nomes sagrados como uma forma de respeito e usavam um tetragrama em lugar dos nomes.

Flexor (1990) concorda com Acioli (1994) e com a maioria dos estudiosos da paleografia quando explica que a abreviação se prolifera devido a dois princípios: economizar espaço, devido à raridade do material, e ao fato de se ter necessidade de escrever mais depressa para economizar tempo.

Alguns estudos já foram feitos sobre a abreviação ou processos de redução como é o caso do estudo feito por Silva (2005), no qual a autora relaciona as abreviações aos gêneros numa abordagem diacrônica-comparativa.

Embora sejam parecidas, a abreviação é diferente da redução morfológica especialmente pela modalidade em que acontecem. A abreviação se dá no nível do fonema e a redução morfológica no nível do morfema. Sobre isso Silva (2005) faz as seguintes observações:

O que distingue a abreviatura da redução é que na primeira a supressão ocorre de forma aleatória, na maioria das vezes, enquanto na redução tem-se geralmente o apagamento de seqüências consideradas afixos. Na abreviatura não há mudança de significação na palavra resultante, enquanto que na redução a palavra derivante não mantém o mesmo significado

O que existe sobre assunto está ligado à paleografia¹¹ e à genealogia¹² ou a definição em dicionários, como Houaiss (1999), Aurélio (1993), e nos demais dicionários mas, sem um estudo específico sobre abreviaturas.

2.4.1 O conceito de abreviação e abreviatura

Como afirma Houaiss (1993), abreviação é uma redução de uso circunstancial, variável de obra para obra, que se for de uso geral passa à categoria das abreviaturas. Entende-se como abreviação toda representação parcial de um vocábulo. Conforme afirma Silva (2005), pode ser literal-algarísmica (“m²” por “metros quadrados”), literal-parcial (“p” por “página”), pictográficas realistas (“□” por “estrela”), picto-ideográficas simbólicas (“♥” por “amor”, “paixão”).

No dicionário eletrônico Aurélio (2008), a definição é “ato ou efeito de abreviar; abreviatura”; Braquigrama (q.v.) convencionado para uso especial em determinada obra: *comum.* por comunicação; *telev.* por televisão, etc.

Em Koogan/Houaiss (1999, apud. Silva 2005), encontramos uma definição para abreviação e outra para abreviatura, respectivamente:

1. *s.f.* Ação de abreviar./ Redução literal, geralmente de uso circunstancial e variável de obra para obra, de autor para autor, sobretudo em anotações rápidas para uso próprio: q. (que), apto. ou ap. (apartamento). À medida que se torna de uso geral, entra na categoria das abreviaturas.
2. *s.f.* Representação de uma palavra por meio de uma ou algumas das suas letras.

Outra distinção é apresentada por (HOUAISS, 1993):

¹¹ A Paleografia pode ser definida tanto como escritos antigos, ou o estudo de escritos antigos. Qualquer pessoa empenhada em pesquisas genealógicas de registros portugueses antigos necessitará saber ler, entender e transcrever tais registros.

¹² Um dos desafios da Genealogia é entender a letra, as abreviações, e a língua dos documentos antigos.

abreviações são reduções literais, geralmente de uso circunstancial, variáveis de obra para obra, de autor para autor. Na medida em que se tornam de uso geral, entram na categoria das abreviaturas.

abreviaturas são formas como que fossilizadas e de emprego genérico tão tradicionalizado, que, embora possam acarretar ao leitor ou autor desprevenido certas dificuldades para a sua eventual compreensão, isso não se justifica entre os que estejam, de certo modo, afeitos ao manuseio, uso e jogo dos livros.

2.4.2 Sinais abreviativos e tipos de abreviatura

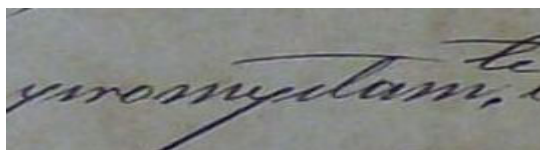
Os sinais abreviativos são aqueles que indicam ao leitor que uma palavra está sendo abreviada. O conhecimento desses sinais, bem com das abreviações são cruciais para uma interpretação correta dos manuscritos e de documentos de maneira geral.

Estes sinais dividem-se em gerais e especiais. Os gerais são os que possuem valor fonológico, marcam uma pausa grande ou pequena ou um final e os especiais são aqueles que substituem totalmente uma palavra.

Gerais:

1. ponto- sinal abreviativo mais antigo e quase sempre acompanha as siglas.

Figura 3



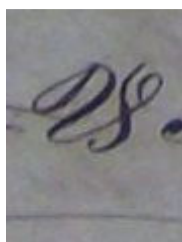
2. Linha reta – usada nos documentos mais cuidados, sobretudo nos de chancelaria. Vem sobreposta às letras.
3. Linha curva - também utilizado como sinal abreviativo na escrita vulgar, por que sua execução permitia mais rapidez.

4. Traço envolvente – tendência de cursividade da escrita permitiu que a palavra fosse escrita sem que o instrumento que a produzia fosse levantado do papel, dessa forma envolvia toda a palavra abreviada.

Especiais:

São os sinais que substituem uma letra ou o agrupamento delas. Conforme Acioli (op. cit, 1994, p. 46) derivam-se de notas tironianas e possuem valor fonológico.

Figura 4



2.4.3 Classificação das abreviaturas

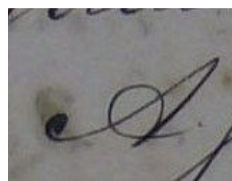
Conforme visto no trabalho de Costa (2006), as abreviaturas podem ser classificadas segundo a natureza do sinal abreviativo em (o trecho será transcrito na íntegra por ser necessário exemplificar cada tipo de abreviação):

1. Por sinal geral: composta por um signo abreviativo – ponto (.), apóstrofo ('), linha sobreposta à letra (–) ou traço envolvente (@), que indica na palavra afetada a falta de uma ou mais letras, mas sem dizer quais. Pode ser subdividida em:

- 1.1. Abreviatura por suspensão ou apócope: supressão de elementos finais da palavra: na. (=anno); Fr. (=Frei); pag. (=pagina). De acordo com Spina (1994, p. 51), o desenvolvimento desse sistema se dá a partir da escrita carolíngia na Europa. O ponto, segundo Millares Carlo (1929, p. 51), é o signo próprio da abreviatura por suspensão.¹³

- 1.2. Sigla: derivada da palavra singula (letterae singulae), foi, conforme Spina (1994, p. 50), “o processo mais antigo de abreviação por suspensão ou apócope, e seu uso se manteve durante toda a Idade Média”. Consiste na representação da palavra pela letra inicial maiúscula, seguida de ponto. Segundo Flexor (1990: XII), podem ser de três tipos:
 - 1.2.1. Siglas simples: quando indicadas apenas por uma letra: D. (= Dom ou = Dona); F. (= Fiel).

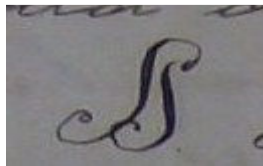
Figura 5



Sigla de Antonio (Padre Antonio Joaquim Rodrigues)

- 1.2.2. Siglas reduplicadas: quando a letra é repetida para significar o plural das palavras representadas: D.D. (= Desembargadores); P.P. (= Padres); R.R. (= Reverendos), ou o seu grau superlativo.

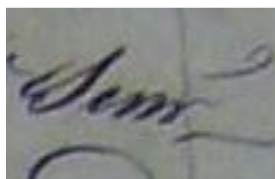
¹³ Não foram encontrados no nosso corpus esse exemplo de abreviação

Figura 6

Quer dizer seção

1.2.3. Siglas compostas ou Acrônimos: quando são formadas por duas ou três primeiras letras da palavra ou pelas letras predominantes do vocábulo: MOBRAL (= Movimento Brasileiro de Alfabetização); SIDA (Síndrome de Imuno- Deficiência Adquirida), OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte).¹⁴

1.3. Abreviatura por contração ou síncope: representa a supressão de letras do meio do vocábulo: Roiz (= Rodriguez); Frz (= Fernandez); Snr (= Senhor). Spina (1994, p. 51) destaca que esse tipo de abreviatura, quando fixa apenas as letras inicial e final, pode tornar difícil a identificação da palavra, por isso, para amenizar a dificuldade, conservam-se letras intermediárias, chamadas características, como nos exemplos citados.

Figura 7

Quer dizer Senhor

1.4. Abreviatura por letras sobrescritas: sobreposição da última ou das últimas letras da palavra: Illmo (= Illustrissimo); pa (= para); Fevro (= Fevereiro). Seu uso, segundo Spina

¹⁴ Não encontramos no nosso corpus esse exemplo.

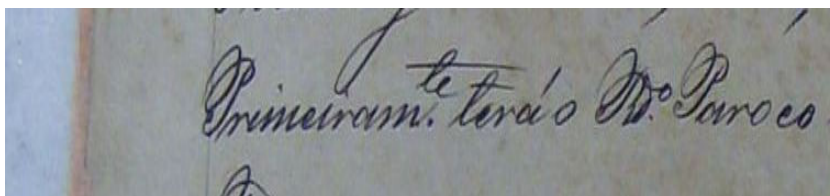
(1994, p. 51), muito raro entre os romanos, generalizou-se a partir do século XII com a escritura visigótica.

Figura 8



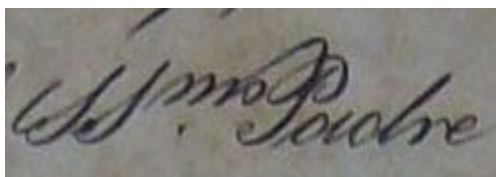
Excelentíssimo Reverendíssimo.

Figura 9



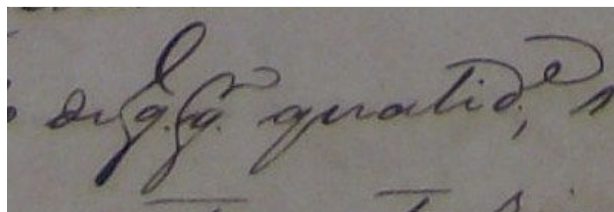
Primeiramente terá o Reverendo Pároco.

Figura 10



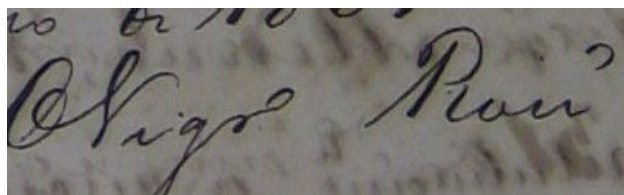
Santíssimo Padre

1.5. Abreviatura mista: quando em uma mesma palavra se encontram abreviaturas por suspensão (apócope) e por contração (síncope), ou quando, numa seqüência de palavras, nenhuma delas apresenta-se isoladamente abreviada: V.Exa (= Vossa Excelencia); S. Mage (= Sua Magestade); S. Paulo (= São Paulo).

Figura 11

De qualquer quantidade

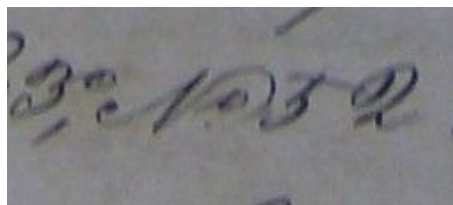
2. Por sinal especial: presença de um sinal colocado no início, meio ou fim da palavra abreviada, indicando os elementos ausentes.

Figura 12

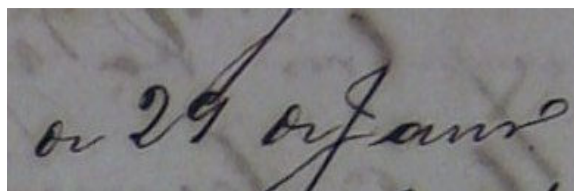
O vigário Rodrigues

Notas tironianas ou taquigráficas: de acordo com Spina (1994, p. 51) e Flexor (1990: XI), é a mais antiga forma de taquigrafia européia. Os sinais utilizados, que se baseiam nas letras do alfabeto maiúsculo romano, são utilizados em várias posições, tendo significados diferentes em cada uma delas. De acordo com Lima (2006, p. 11), as notas tironianas “se mantêm na escrita moderna, como .S. (= scilicet = a saber), e as várias formas usadas para o et (= e)”.

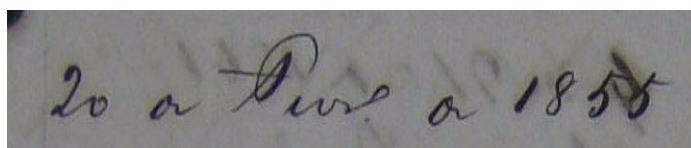
4. Abreviaturas numéricas: constituem as abreviaturas de numerações, designativas de ordem, divisão e meses do ano. Utiliza-se a sobreposição das letras o e a minúsculas aos numerais ou à terminação -br: 1º (= primeiro); 10º (= decimo); 7bro (= setembro); 8bro (= outubro).

Figura 13A close-up photograph of a handwritten note in cursive script. The text is "3º 1032", where "3º" is written with a superscript and "1032" follows. The ink is dark on a light-colored paper.

Terceiro, Numero 52

Figura 14A close-up photograph of a handwritten note in cursive script. The text is "on 29 of Jan", with "on" and "of" in lowercase and "29" and "Jan" in a larger, more prominent script. The ink is dark on a light-colored paper.

de 29 de Janeiro

Figura 15A close-up photograph of a handwritten note in cursive script. The text is "20 a Fevereiro a 1855", with "20" and "1855" in a larger, more prominent script. The ink is dark on a light-colored paper.

20 de Fevereiro de 1855

CAPITULO III - Análise

Neste capítulo são abordados os aspectos referentes à metodologia utilizada para a realização da pesquisa, bem como da estrutura do nosso *corpus*, caracterização e definição dos livros de tombo, descrição dos textos encontrados, sempre que necessário, relacionando ao contexto de produção dos livros e a análise propriamente dita de todos os dados do livro de tombo.

Essa pesquisa se caracteriza como bibliográfica, documental, e qualitativa por apenas discriminarmos os dados do *corpus* e segue abaixo como daremos prosseguimento ao trabalho:

- a) Separação de textos por gênero presentes nos documentos;
- b) Análise das ocorrências das reduções nos documentos históricos;
- c) Relação com as variáveis sócio-interativas;
- d) Relação com os gêneros ou tipos textuais;
- e) Tentativa de compreensão dos princípios regedores das abreviaturas;
- f) Análise dos efeitos comunicativos das abreviações.
- g) Observação as tradições discursivas presentes no livro de tombo;
- h) Relação das tradições ao uso ou não das abreviações.

Para a transcrição dos textos foram observados os seguintes critérios, a exemplo de SILVA (2008, p. 42):

- As abreviaturas, a divisão das linhas e as fronteiras das palavras permaneceram fidedignas ao manuscrito.
- A marca de nasalização, til ou m, foi respeitada;

- Manteve-se a pontuação original;
- As maiúsculas e minúsculas permanecem conforme o manuscrito;
- A ortografia foi conservada na íntegra, não se efetuando qualquer mudança;
- Quando a leitura paleográfica foi duvidosa, usou-se []
- Os parênteses (_____) indicam palavras que por algum motivo não puderam ser lidas;

3.1 Os documentos do *corpus* – os livros de tombo¹⁵

Os livros de tombo que integram esta pesquisa são manuscritos e quase ilegíveis. Têm a função de registrar tudo que acontece na igreja e ainda alguns fatos importantes da diocese, além disso, o livro de tombo registra rituais, orações, atas de reunião, pagamentos de proventos por serviços efetuados na igreja, visitas às freguesias. Os livros têm uma ortografia ainda diferente da nossa, com pouco uso de pontuação, falta de regra para o uso de acentos, sinais gráficos e uso demasiado de vírgula, com regras diferentes das que a gramática atual prega.

Para formarmos o *corpus*, fotografamos as páginas dos livros por não poder xerografá-las, devido ao avançado estado de deterioração. Ao todo temos no arquivo 1374 páginas de material, entre livros de tombo, de batizado e óbito. Retiramos apenas algumas passagens do livro de tombo número 1, que abrange o intervalo de 1855 a 1909, por não ser possível para um trabalho como este uma análise exaustiva de todos os documentos, bem como a transcrição de todas as páginas, devido à quantidade de arquivos e ao tempo que nos foi dado para tal pesquisa.

Como poderíamos esperar, os livros possuem muitas páginas deterioradas, algumas totalmente e outras parcialmente, além de manchas, corrosão de partes das páginas, mas também encontramos outras páginas totalmente bem conservadas. Os livros têm folhas de papel almaço e apresentam uma cor amarelada devido ao tempo de existência.

¹⁵ Tombo. 1. Ato ou efeito de tombar, queda, tombamento. 2. Inventários de terrenos demarcados. 3. Registro de coisas ou fatos relativos a uma especialidade ou a uma região. Cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 2008.

Os textos são escritos em uma única coluna, ora fazendo parágrafo, ora não e são paginados apenas a partir da segunda página mas, contando como se fosse a primeira e assim por diante em todo o livro.

A nosso ver, para uma pesquisa como essa é importante dar prioridade às páginas que contém mais fenômenos das abreviaturas, além de buscarmos sempre os que estejam mais legíveis e priorizar gêneros diferentes para que sejam feita também a análise por gênero textual.

Cronologicamente o livro de tombo numero 1, que é foco na nossa análise está inserido no período do português moderno, de acordo com as gramáticas e manuais da época mas podemos encontrar características de outras épocas, como o uso demasiado de expressões do latim, desacordo em relação à morfologia de algumas palavras, cujos exemplos veremos mais adiante na análise dos dados.

3.2 Caracterização do *corpus* da pesquisa

Nossa pesquisa foi iniciada no ano de 2007, quando ainda graduanda da UERN – Universidade do estado do Rio Grande do Norte - começamos a pesquisar a Sociohistória do Português brasileiro em Mossoró cujo interesse de um pequeno grupo de alunos e de um professor gerou o grupo PROSHIP coordenado pelo professor Ms. Gilson Chicon. Durante a pesquisa, buscamos documentos escritos de séculos anteriores que nos ajudassem a reconhecer as características da escrita mossoroense de séculos atrás e os documentos que estavam ao nosso alcance e dentro do perfil que procurávamos eram os da catedral de Santa Luzia, que foi marco do início da cidade. Como já foi citado, é um *corpus* com vários documentos e bastantes variados no que diz respeito à escrita.

Era preciso estudar sobre a história da cidade, sua fundação, os principais pontos pelos quais começou a se desenvolver e graças à Fundação Vingt-un Rosado¹⁶ obtivemos um material sumário sobre a história de Mossoró.

¹⁶ Fundação Vingt-un Rosado é uma entidade que leva o nome de seu fundador e que é responsável pela coleção Mossoroense de livros, que segundo alguns estudiosos é a editora que mais lançou livros sobre a seca no Nordeste, inclusive que datam do século XIX, são mais de 700 títulos dedicados à seca. Filho de uma importante

Os primeiros escritos do livro de tombo são do Vigário Pe. Antônio Joaquim Rodrigues que foi vigário geral de 1844 a 1894, (ROSADO, 2006, p. 123) e datam de 1855, quase cem anos após a fundação do lugarejo que daria origem à cidade de Mossoró. O Vigário atuou numa época em que os caminhos religiosos se confundiam com os políticos e exerceu vários cargos públicos, foi deputado muitos anos consecutivos por mais de uma legislatura (BRITO, 2003, p. 62), foi o responsável pela elevação de Mossoró a vila e depois à cidade, criou órgãos como a comarca da cidade, apoiou o movimento abolicionista em 1883¹⁷, além de ter sido precursor no projeto da estrada de ferro da cidade, embora o projeto só tenha começado após sua morte que aconteceu em 1894 (ROSADO, 2006, p.192).

O *corpus* está constituído da seguinte forma:

i) 5 livros de Tombo:

- O primeiro é constituído de 36 páginas do período de 1855 a 1909;
- O segundo é constituído de 41 páginas do período de 1897 a 1925;
- O terceiro é constituído de 100 páginas do período de 1925 a 1939;
- O quarto é constituído de 101 páginas do período de 1939 a 1954.
- O quinto é constituído de 113 páginas do período de 1954 a 1984.

Trata-se de livros que registram os acontecimentos administrativos mais importantes da Diocese de Santa Luzia, Mossoró. São escritos em linguagem formal, no padrão do português culto no período de 1855 a 1954. Todos os livros de tombo apresentam a mesma estrutura e em todos aparecem abreviações.

família da região “os Rosado”, filho de Jerônimo Rosado, Vingt-un é o 21º primeiro e mais novo da família e conta em um de seus depoimentos no site da fundação, que se interessou pela literatura após assistir a uma palestra de Câmara Cascudo, e a partir de então começou a se dedicar as letras em 1949, não apenas escrevendo mas editando os livros de quem se interessasse em publicar. Exerceu carreira política e criou a ESAM (Escola Superior de Agronomia de Mossoró) que atualmente é a UFERSA (Universidade Federal Rural do Semi-árido). Para mais informações a respeito consultar o site: <http://www.colecaomossoroense.hpg.ig.com.br>.

¹⁷ Existem documentos em Mossoró que afirmam que o movimento abolicionista e abolição em Mossoró ocorreu antes da promulgação da lei Áurea pela princesa Isabel, ver coleção mossoroense.

- j) 1 livro de registros de óbitos da Diocese de Santa Luzia, contendo 5 páginas escritas em linguagem formal no padrão do português culto. O livro possui registros da época de 1871 a 1872.

Trata-se de um livro que registra os óbitos de filhos de escravas da época.

- k) 2 livros de batizado das pessoas da cidade e da região:

- O primeiro é constituído de 150 páginas do período de 1868 a 1874.
- O segundo é constituído de 16 páginas do período de 1871 a 1872.

Trata-se de livros de registros de batizados das pessoas da cidade.

3.3 O contexto de produção dos livros de tombo

Segundo Coseriu (1979, p. 236), deve-se contextualizar o meio de produção do texto que se proponha a analisar, isto por que “explicar uma obra significa antes de mais nada, reconstruir seus entornos” de forma que sejam explicitadas as relações sociais da época, características do produtor do texto e do próprio texto.

A cidade de Mossoró foi fundada oficialmente em 1772, data da construção da Capela de Santa Luzia por Antonio de Souza Machado, que foi nomeado Sargento-mor pelo Governo da Capitania do Ceará – Grande e conforme afirma Cascudo (2001):

Até meados desse século (XVIII) a população Ribeira de Mossoró fora muito limitada, constando apenas criadores, vaqueiros, procuradores das respectivas fazendas, que segundo a tradição de seus proprietários eram todos moradores fora, como bem fossem em Pernambuco, Paraíba [...] Com certeza fora depois de 1750, que se mudára de São Bernardo das Russas, com sua família para a Barra de Mossoró (Grossos), o Sargento-mor Antonio de Souza Machado, proprietário da fazenda “Santa Luzia” da mesma Ribeira. Esse simpático e honrado português invernavia todos os anos naquela fazenda e no fim rebanhava os gados da mesma para fazer carneação um pouco abaixo de Grossos na “Ilha das Oficinas”, onde ainda hoje existem vestígios disso. A fazenda “Santa Luzia”, situada muito perto da margem esquerda do rio Mossoró e ao mesmo tempo da Mara, tendo entre este e o

Rio uma lagoa, bem como água potável, era o ponto os adventícios escolhiam para residirem. (Grifo nosso, pag. 19)

Dessa forma, o pequeno povoado, com a economia estritamente rural com ênfase à pecuária, foi se desenvolvendo e em 1838 o pensamento do arraial¹⁸ era transformar a pequena capela numa Matriz, o interesse era além de autonomia religiosa a valorização social das terras. O título de Freguesia só mereciam as populações que justificassem uma produção elevada, um nível de vida bastante estável, Cascudo (2001). E no ano de 1842 o presidente da província do Rio Grande do Norte, D. Manuel d'Assis Mascarenhas, apresenta a Resolução n. 87, de 27 de outubro que eleva a capela e a comunidade à Freguesia, a vigésima freguesia da província e a décima no século XIX:

Art. 1º - Fica desmembrada da Freguesia do Apodi, e elevada à Categoria de Matriz a Filial Capela de S. Luzia de Mossoró, conservando a mesma Fabrica, e Guizamento, que a Matriz é desmembrada (CASCUDO 2001, p. 38).

A partir de 1844 toma a frente da capela e conduz a Freguesia de Santa Luzia o Padre Antônio Joaquim Rodrigues, que coordenou os trabalhos da igreja até 1894, ano de sua morte. Justamente a época em que concentramos nossas observações aos documentos. Antonio Joaquim, como era mais conhecido, era natural de Aracati- CE, mas era descendente de uma importante família de Apodi - RN.

O padre fez muitas obras na cidade, criou a comarca, apoiou o movimento abolicionista, criou a irmandade de Santa Luzia, com ele os missionários freqüentaram mais a cidade, atuou inclusive na política fundando o partido Conservador. Foi deputado na Assembléia Provincial durante os anos 1854-1855, 1856-1857, 1858-1859, 1866-1867, 1868-1869, 1870-1871, 1872-1873.

O vigário Joaquim teve muita importância em todos os âmbitos da sociedade, foi influente na política, apoiando movimentos em defesa de direitos do povo inclusive movimentos abolicionistas.

¹⁸ Cf. Ferreira (2008), 5. Lugarejo, aldeola.

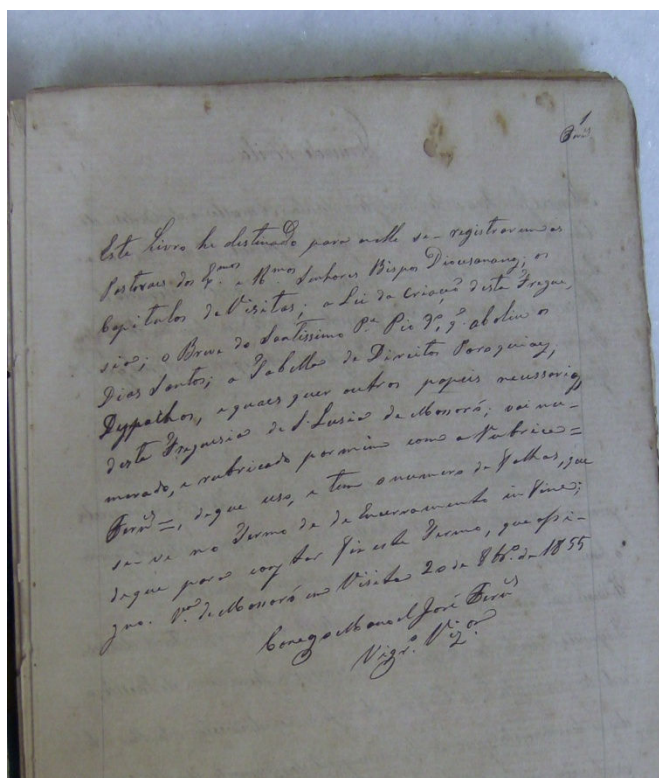
Enquanto isso, a cidade se desenvolvia, a igreja, com a representação de Pe. Vigário Joaquim era presente e atuante na vida da população.

Considerando que se trata de um trabalho de abordagem histórica, fizemos essa pequena contextualização para compreendermos o tempo, a situação e o contexto em que o nosso corpus foi composto a fim de fazermos uma análise mais completa.¹⁹

3.4 Características ortográficas dos textos

A descrição que pretendemos fazer aqui é de forma breve um inventário de como era a ortografia²⁰ da escrita eclesiástica de Mossoró da época, segunda metade do século XIX tendo como base parâmetro a ortografia atual. Colocaremos alguns trechos dos documentos que foram transcritos para o trabalho de dissertação e depois destacaremos as palavras com ortografia diferente e colocaremos a ortografia usual hoje.

Figura 16



¹⁹ Falta acrescentar informações sobre o contexto de Mossoró

²⁰ Cf. FERREIRA(2008),2.Maneira de representar as palavras por meio da escrita;grafia.

Este Livro he destinado para nelle se registrarem as/Pastorais dos Ex.^{mos} Senhores Bispos Diocesano; os/Capitulos de Visitas; a Lei da Criação desta Fregue./sia; o Breve do Santissimo P.^o Pio 9.^o, . aboliu os/Dias Santos, a tabella de Direitos Paroquiais,/Despachos, iguais quer outros papeis necessários/Desta Freguesia de S. Luzia de Mossoró; vai nu-

merado, e rubricas por mim como a=/.....=, de que uso, e tem o numero de folhas, que/se – ve no termo de encerramento in fine;

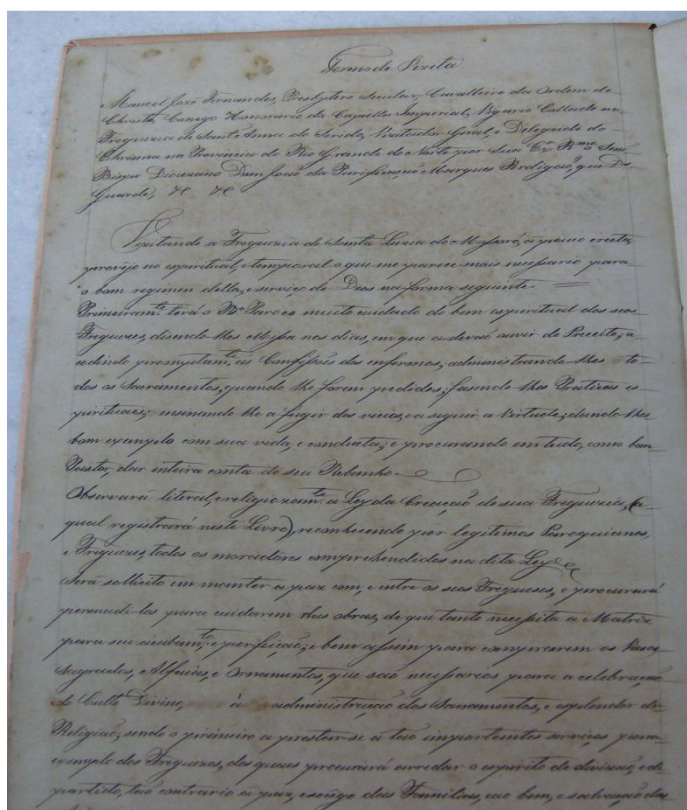
de que para constar fiz este termo, que assi-/gno. de Mossoró em Visitas 20 de 8^{bro}. De 1855

Conego Manoel José Bessa

Vigr.^o Rds.(Apresentação do livro)

Transcrição da figura 16.

Figura 17



Termo de Vizita

Manoel José Fernandes, Presbítero Secular , Cavalleiro da Ordem de-/
Christo, Conego Honorario da Capela Imperial, Vigario Collado na –/
Freguezia de Sant ‘Ana do Siridó, Visitador Geral, e Delegado do-/
Chrisma na Provincia do Rio Grande do Norte por us Ex^a. R^{ma}. o Senr-/
Bispo Diocesano Dom João da Purificação Marques Perdigão, que D^s.-/
Guarde,

Vizitando a Freguesia de Santa Luzia do Mossoró, a pouco erecta,/ Provêjo no
espiritual, e temporal o que me parece mais necessário para-/ o bom regimen della,
e serviço de Deos na forma seguinte. ==/ Primeiram.^{te} terá o D^o. Paroco muito
cuidado do bem espiritual dos seos-/

Freguezes, disendo-lhes Missa nos dias, em que [...] devão ouvir de/ Preceito a –
/Codindo promptam.^{te} as Confissões dos enfermos; administrando-lhes to-/dos os
Sacramentos, quando lhe forem pedidos, fasendo-lhes Praticas es-/pirituais;
ensinando-lhe a fugir dos vícios, e a seguir a Virtude; dando-lhes/bom exemplo
com sua vida, e conducta; e procurando em tudo, como bom/Pastor, dar inteira
conta do Rebanho.

Observará literal, e religiosam.^{te} a Ley da Creação da sua Freguezia, (a/

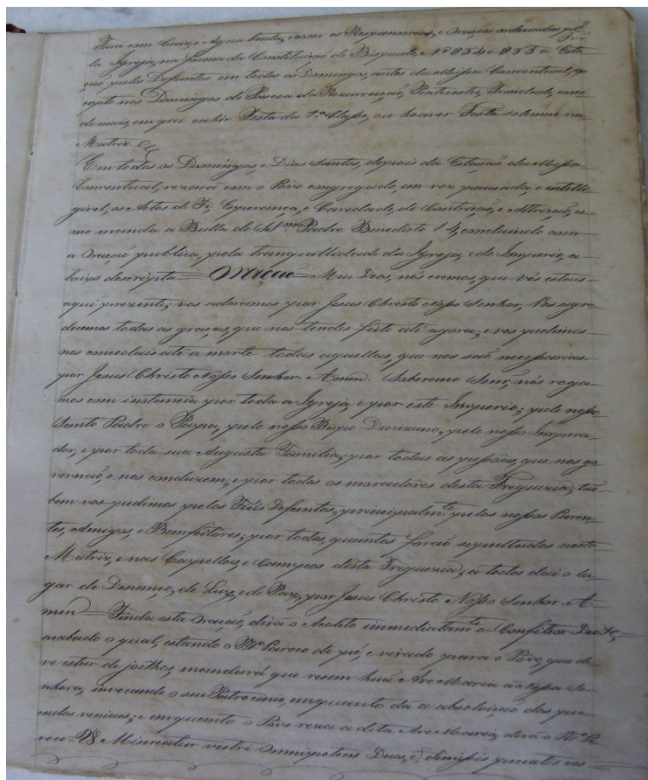
qual registrará neste Livro), reconhecendo por legítimos Paroquianos/

e Freguezes, todos moradores comprehendidos na dita Ley.

Será sollicito em manter a paz com, e entre os seos Fregueses, e
procurará/Persuadi-los para cuidarem das obras, de que tanto necessita a
Matriz/Para seu acabam.^{to}; e perfeição; e bem assim para comprarem os
vasos/Sagrados, Alferias, e Ornamentos, que são necesarios para a celebração-
/Do Culto Divino, à administração dos Sacramentos, e esplendor da –/Religião;
sendo o primeiro a prestar-se a tão importante serviço para-/Exemplo dos
Freguezes, dos quaes procurará arredar o espirito de divizão e de-/Partido, tão
contrario a paz, e socêgo das Familias, ao bem, e salvação das-/Almas.

Transcrição da figura 17. Verso da primeira página do livro

Figura 18



Fará com Cruz, e Agua benta, e com os Responsorios, e Orações ordenadas pe-/la Igreja, na Forma da Constituição do Bispado N° 884 e 885 a Esta-/ção pelos Defuntos em todos os Domingos, antes da Missa Conventual, ex-/Cepto nos Domingos de Pascoa da Ressurreição, Pentecoste, Trindade, esses-/Demais, em que cahir Festa da [...] Classe, ou houver Festa solenne na-/Matriz.

Em todos os Domingos, e Dias Santos, depois da Estação da Missa-/

Conventual, rezará com o Pôvo congregado, em voz pausada e intelli-/

givel, os Actos de Fé, Esperança, e Caridade, de Contrição, e Attrição,co-/mo manda a Bulla do SS.^{mo} Padre Benedicto 14, concluindo com -/

a Oração publica, pela tranquillidade da Igreja, e do Imperio, a-/baixo descripta= Oração= Meu Deos, nós cremos, que vós estais-/aqui presente; vos adoramos por Jesus Christo Nosso Senhos, Vos agra-/decemos todas as graças, que nos tendes feito até agora; e vos pedimos-/nos concedais com instancia por toda a Igreja, e por este Impero; pelo nosso-/Santo Padre o Papa, pelo nosso Bispo Diocesano, pelo nosso Impera-/dor, e por toda sua Augusta Familia; por todas as pessoas, que nos go-/vernão, e nos conduzem, e por todos os moradores desta Freguezia; tão-/bem vos pedimos pelos Fieis Defuntos, principalm.^{te} pelos nossos Paren-/tes, Amigos, e Benfeitores; por todos, quantos forão sepultados nesta/Matriz, e nas Capellas, e campos desta Freguezia; a todos dou o lu/gar de Descanso, de Luz, e de Paz, por Jesus Christo Nosso Senhor A-/men= Finda esta Oração, dirá o Acolito immediatam.^{te} o Confiterar Dea[...]/

acabado o qual, estando o Rdº. Paroco de pé, e virado para o Pôvo, que de-/vê estar de joelhos, mandará que resem hua Ave Maria a Nossa Se-/

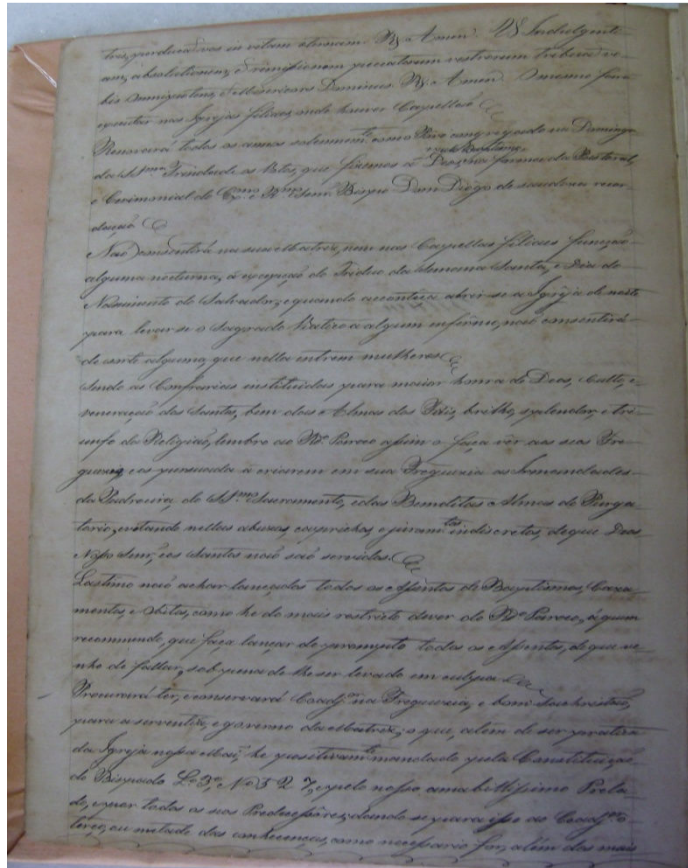
nhora, invocando o seu Patrocinio, enquanto dá a absolvição dos pe-/

cados veniaes; e enquanto o Pôvo reza a dita Ave Maria, dirá o Rdº Pa-/

roço= V Misereatur Vestri Omnipotens Deos, [.....] peccatis vês-/

Transcrição da figura 18.

Figura 19



tris, perdura(Ilegível.....

.....)Rdº. Amen.

[...]

Lastimo não achar lançados todos os Assentos de Baptismos, Caza-/

Mentos, e Obitos, como He do mais restrito dever os Assentos, de que vê-/Nho de fallar, sob pena de lhe ser levado em culpa./Procurará ter, e conservará Coadj.^{or} na Freguezia, e bom Sachristao/Para a serventia, e governo da Matriz; o que alem de ser pratica/Da Igreja Nossa Mai, He positivam.^{te} mandado pela Constituição/do Bispado L°. B°, N° 527, pelo nosso amabillissimo Prela-/do, expor todas os seos Predecessôres, dando se para isos ao coadj.^{or} o/terço ou metade das conhecenças, com necessário for, além do mais/

Transcrição da figura 19.

De forma geral, percebemos que a ortografia do século XIX diverge em muito da ortografia atual. Segundo Lausberg (1981, Apud FONSECA, 2005), os escritores de baseavam na escrita latina principalmente por não haver uma ortografia oficial e uniforme em Portugal, Vasconcelos (1946, apud FONSECA, 2005).

A) Havia muitas letras duplicadas como, por exemplo: *Nelle, Tabella, Cavalleiro, Collado, Della, Sollicito, Solenne, Intelligivel, Attrição, Bulla, Tranquillidade, Capellas, Fallar, Capellães*, que Fonseca (idem) explica que as consoantes geminadas²¹ usadas no latim ressurgiram na segunda metade do século XVI.

1. a Lei da Criação desta Fregue./sia; o Breve do Santissimo P^e. Pio 9º, . aboliu os/Dias Santos, **a tabella** de Direitos Paroquiais/Despachos, iguais quer outros papeis necessários/Desta Freguesia de S. Luzia de Mossoró;

2. Manoel José Fernandes, Presbítero Secular , **Cavalleiro** da Ordem de-/Christo, Conego Honorario da Capela Imperial, Vigario **Collado** na –/Freguezia de Sant ‘Ana do Siridó

3.Será **sollicito** em manter a paz com, e entre os seos Fregueses

4.. Em todos os Domingos, e Dias Santos, depois da Estação da Missa-/Conventual, rezará com o Pôvo congregado, em voz pausada e **intelli-/**

givel, os Actos de Fé, Esperança, e Caridade, de Contrição, e **Attrição**,co-/mo manda a **Bulla** do SS.^{mo} Padre Benedicto 14

²¹ Duplicadas ou dobradas

5. tão-/bem vos pedimos pelos Fieis Defuntos, principalm.^{te} pelos nossos Paren-/tes , Amigos, e Benfeitores; por todos, quantos forão sepultados nesta/Matriz, e nas **Capellas**,

6. He positivam.^{te} mandado pela Constituição/do Bispado L.^o B.^o, N^o 527, pelo nosso **amabillissimo** Prela-/do, expor todas os seos Predecessôres,

B) Algumas flutuações de escrita como em *Freguezia* e *Freguesia*, *Prezente*, *presente* e a variação do uso de m antes de p e b como em *comprehendido* e *comcluindo*.

7. Este Livro he destinado para nelle se registrarem as/Pastorais dos Ex.^{mos} Senhores Bispos Diocesano; os/Capitulos de Visitas; a Lei da Criação desta **Fregue,sia**

8. Vigario Collado na –/**Freguezia** de Sant ‘Ana do Siridó[...]

9. Vizitando a **Freguesia** de Santa Luzia do Mossoró, a pouco erecta[...]

10. Observará literal, e religiosam.^{te} a Ley da Creação da sua Freguezia[...]

11. [...]por todos, quantos forão sepultados nesta/Matriz, e nas Capellas, e campos desta **Freguezia**; a todos dou o lu/gar de Descanso[...]

12. [...]reconhecendo por legítimos Paroquianos/e Freguezes, todos moradores **comprehendidos** na dita Ley[...]

13. [...]comcluindo com –/a Oração publica, pela tranquillidade da Igreja,[...]

C) O verbo ser é antecedido de h como em:

14. Este Livro **he** destinado para nelle se registrarem as Pastorais.

15. Lastimo não achar lançados todos os Assentos de Baptismos, Caza-/Mentos, e Obitos, como **He** do mais restrito dever os Assentos[...]

D) O h ainda é usado entre hiatos como *cahir*, *comprehendido* e antes do numeral um, *hum*.

16. [...]mandará que resem **hua** Ave Maria a Nossa Se-/nhora,[...]

17. [...]todos moradores **comprehendidos** na dita Ley[...]

18. [...]ex-/Cepto nos Domingos de Pascoa da Ressurreição, Pentecoste, Trindade, esses-/Demais, em que **cahir** Festa da [...] Classe, ou houver Festa solenne na-/Matriz.

E) O uso do grupo Ch com som de /k/, *Christo*, *Archivo* demonstra a influencia do Latim.

19. Manoel José Fernandes, Presbítero Secular , Cavalleiro da Ordem de-/**Christo**, Conego Honorario da Capela Imperial, Vigario Collado na –/Freguezia de Sant ‘Ana do Siridó, Visitador Geral, e Delegado do-/**Chrisma** na Provincia do Rio Grande do Norte [...]

20.[...]vos adoramos por Jesus Christo Nosso Senhos[...]

21. [...] a todos dou o lu/gar de Descanso, de Luz, e de Paz, por Jesus **Christo** Nosso Senhor A-/men[...]

22. Procurará ter, e conservará Coadj.^{or} na Freguezia, e bom **Sachristao**/Para a serventia [...]

23. Tabella dos direitos **Parochiaes**

F) além disso percebemos um pequeno uso de acentuação gráfica ou quase nenhuma e um sinal de flutuação visto que a mesma palavra ora aparece acentuada, ora não. Tem-se *Parocho* ao invés de *Párocho*, *Sollicito* ao invés de *Solícito*, e com ênfase nas marcações abertas como *Socêgo*, *Pôvo* .

24. [...]Desta Freguesia de S. Luzia de **Mossoró**[...]

25. [...] **Provincia** do Rio Grande do Norte [...]

26. Vizitando a Freguesia de Santa Luzia do **Mossoró**, a pouco erecta,/ **Provêjo** no espiritual[...]

27. **Será sollicito** em manter a paz[...]

28. Freguezes, dos quaes **procurará** arredar o **espírito** de divizão e de-/Partido, tão **contrario** a paz, e **socêgo** das Familias [...]

29. Em todos os Domingos, e Dias Santos, depois da Estação da Missa-/Conventual, **rezará** com o **Pôvo** congregado [...]

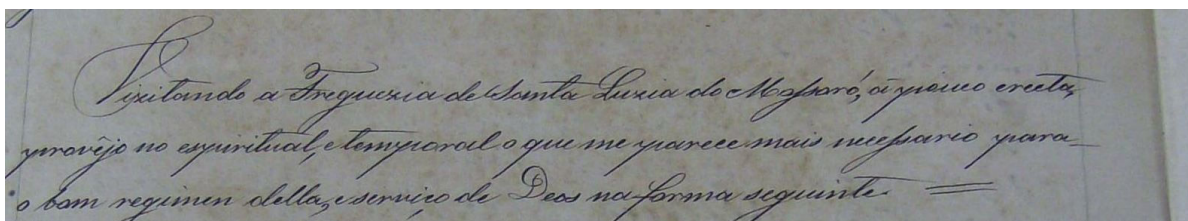
30. [...] estando o Rdº. Paroco de **pé**, e virado para o **Pôvo** [...]

G) O acento agudo também é usado como crase.

31. Nos dias Domingos necessários 23, e 30/ de outubro do anno que caiu á Estação da Missa

H) Chama atenção em relação à separação de sílabas nas palavras e também no final dos períodos o uso de um sinal parecido com o igual (=).

Figura 20



I) O sinal diacrítico til não possui ainda uma forma definida, ora se escreve de uma forma , ora de outra mas sempre para marcar o timbre fechado das vogais além de marcar a abreviação da letra *m* em palavras como *algu~a*, *hu~a*.

J) A terceira pessoal do plural no presente do indicativo tem terminação ão e não am.

32. [...] Freguezes, disendo-lhes Missa nos dias, em que [...] **devão** ouvir de/Preceito a –/Codindo promptam.^{te} as Confissões dos enfermos [...]

33. [...] por todas as pessoas, que nos **go-/vernão**, e nos conduzem [...]

K) O uso das consoantes mudas c, p, baptismo, acta, asumpção são reflexo da escrita portuguesa da época.

34. [...] devão ouvir de/ Preceito a –/Codindo **promptam.**^{te} as Confissões dos enfermos[...]
35. [...]dando-lhes/bom exemplo com sua vida, e **conducta**:[...]
36. [...]pela tranquillidade da Igreja, e do Imperio, a-/baixo **descripta**[...]
37. Lastimo não achar lançados todos os Assentos de **Baptismos**[...]

L) O aparecimento de abreviação em várias classes de palavras, como nos exemplos **Immediatam.**^{te}, **Promptam.**^{te}, **Vig.**^o, **Rds.**, **casam.**^{to}, que conforme estudado por Rebouças(2008), Silva (2005), foram amplamente usados no século XIX na escrita colonial e uma característica comum a todos os textos da época, mesmo sendo formais e cultos, o uso da abreviação era comum, considerado um efeito estilístico.

38. Este Livro he destinado para nelle se registrarem as/Pastorais dos **Ex.**^{mos} Senhores Bispos Diocesano; os/Capitulos de Visitas; a Lei da Criação desta Fregue./sia; o Breve do Santissimo **P.**^e Pio 9^o, . aboliu os/Dias Santos, a tabella de Direitos Paroquiais,/Despachos, iguais quer outros papeis necessários/Desta Freguesia de S. Luzia de Mossoró;

Mossoró em Visitas 20 de **8**^{bro}. De 1855

Conego Manoel José Bessa

Vigr.^o **Rds.**

39. **Primeiram.**^{te} terá o **D.**^o. Paroco muito cuidado do bem espiritual dos seos-/ [...]
40. [...] devão ouvir de/ Preceito a –/Codindo **promptam.**^{te} as Confissões dos enfermos[...]
40. Observará literal, e **religiosam.**^{te} a Ley da Creação da sua Freguezia[...]
41. [...]de que tanto necessita a Matriz/Para seu **acabam.**^{to}:[...]
42. [...] e Attrição,co-/mo manda a Bulla do **SS.**^{mo} Padre Benedicto 14[...]
43. [...] tão-/bem vos pedimos pelos Fieis Defuntos, **principalm.**^{te} pelos nossos Paren-/tes [...]
44. [...] estando o **Rd.**^o. Paroco de pé [...]

45. [...] dirá o **Rdº** Pa-/roço[...]

46.[...] e conservará **Coadj.ºr** na Freguezia [...]

47. [...] He **positivam.ºe** mandado pela Constituição [...]

48. [...] dando se para isso ao **coadj.ºr** o/terço ou metade das conhecenças, com necessário for, além do mais/[...]

49. 5ª Pastoral, idem, dirigida aos **Rvrºs** Parochos, e Sacerdotes desta Diocese com data de 18 de **Fvrº** de 1848 a mim recebida de **publicidº** e **cumprim.ºo** e se acha recolhida ao Archivo desta Matriz.

O Vigrº Rds

Um fato a ser considerado na análise da ortografia do livro de tombo é que nesse mesmo período não havia em Portugal uma ortografia oficial. Esta só apareceu no ano de 1911 e desta forma, a escrita seguia a tradição. O que havia de mais próximo a uma norma, eram as tentativas isoladas de alguns estudiosos de fixar padrões como o livro *Ortografia da Língua Portuguesa* (1671) de João Franco Barreto. Neste livro o autor discutia o que era a ortografia, questões sobre a invenção da escrita e a origem latina da Língua. Tratava-se de uma obra de conteúdo exaustivo acerca da descrição do Português de Portugal e segundo (TAVARES e RICARDO, 2009) essa preocupação existia devido ao contexto vivido pelo autor em que houve no país ocupação espanhola e o qual assistia a todo o processo de restauração da monarquia, daí a preocupação em fixar uma norma da língua portuguesa.

Outra manifestação de preocupação com a norma é traduzida na publicação de João Moraes Madureira Feijó. Trata-se da obra *Orthographia ou a arte de escrever e pronunciar com acerto a língua portugueza* (1739) que era para uso do Duque de Lafoens e também trazia no manual as pronúncias corretas ou acentos, questões sobre pontuação, além de trazer algumas abreviaturas e os erros mais comuns. No geral era um manual de bom uso da língua.

Embora haja tido publicações sobre a norma da língua portuguesa em Portugal as obras eram de uso exclusivo de autoridades como é o caso da obra *Orthographia ou a arte de escrever e pronunciar com acerto a língua portugueza* e o restante da população não tinha acesso, havendo a primeira mobilização para a disseminação das regras para todos com Antônio Feliciano Castilho, que em 1840 propunha a adoção de um método de leitura conhecido como o *Método Português de Castilho*.

No entanto, o método não foi bem aceito pelos pedagogos que tinham uma descrença generalizada em relação à metodologia e sua eficácia e, mesmo sendo nomeado pelo governo a comissário para a propagação do *Método Português*, Castilho não conseguiu sucesso e o método nunca foi efetivamente aplicado em Portugal (TAVARES e RICARDO, 2009). A grafia de uso geral da população que sabia escrever na época era então pautada na tradição, nos modelos existentes.

No Brasil não era diferente, visto que a língua de Portugal foi trazida para cá, assim o país não possuía ainda um modelo, uma ortografia genuína, mas sim oriunda do país português e na falta de um modelo único e que servisse de exemplo para a escrita, a escrita no Brasil da época apresentava-se variada e havia muitas variações quanto às formas correta de se escrever. É isso que percebemos nos livros de tombo. Todos os livros apresentam palavras que variam quanto à forma e mesmo com o passar dos anos isso ainda acontece, provavelmente acuse a falta de conhecimento da norma dos escritores ou apenas o cenário de incerteza no campo da escrita no período vivenciado por eles.

3.5 Os gêneros presentes nos livros de tombo²²

Sobre os gêneros presentes nos livros de tombo foram encontrados diversos como termo de visita, atas de reunião, uma espécie de nota de pagamento em que são designados os valores pagos por cada atividade realizada na freguesia, ou como podemos chamar tabela de emolumentos²³.

No entanto entramos partes que não são especificamente um gênero como a apresentação do livro de tombo e observações que aparecem não somente no primeiro livro de tombo mas também nos outros quatro restantes. Desta forma não podemos chamá-los de gêneros mas podemos analisá-los como parte constituintes do Livro já que aparecem em todos eles.

²² Serão contabilizadas as quantidades de cada gênero que aparecem nos documentos para melhor relacionarmos às abreviaturas.

²³ Emolumento significa lucro, gratificação, conforme Ferreira (2008)

3.5.1 A superestrutura dos gêneros

Segundo Van Dijk (apud. PESSOA, 2006, p. 536), a superestrutura é uma “forma do texto”, cujo objeto tema, a macroestrutura são o conteúdo do texto. Na superestrutura estabelece-se as partes constituintes, aspectos formais como a composição, linguagem utilizada, além de também falar sobre a intenção do texto.

Serão apresentadas as superestruturas dos gêneros encontrados no *corpus*.

Apresentação:

Embora não seja um gênero encontrado nos manuais de modelos de textos, a apresentação está presente em todos os livros que lemos, ou de uma página de internet na qual navegamos. Nos 5 livros de tombo e nos outros constituintes do *corpus* do PROSHIP, encontramos em todos eles a apresentação.

Ela tem como finalidade comunicativa apresentar a obra que será lida adiante, bem como, o que se encontrará quando folheada a obra.

No livro de tombo 1, que é o livro de nossa análise, tem-se uma apresentação. Cuja extensão é pequena, meia lauda, é assinada pelo Vigário geral da capela Matriz.

Nessa parte aparecem poucas abreviações, a maioria na classe dos pronomes de tratamento como na ilustração a seguir:

Tabela 1

Parte do livro/ Gênero discursivo	Quantas vezes no livro	trechos	Abreviaturas presentes	abreviatura por texto
Apresentação do livro	1	Este livro he destinado para nele se registrarem as pastorais[...]	Ex ^{mos} ., R ^{mos} ., P ^e ., , 8br ^o , Vigr. ^o	9

Termo de visita.

É um registro utilizado na Igreja católica, conforme Sales Neto (2004), para registrar as visitas pastorais ou diocesanas que eram feitas desde o século XVI, logo após a colonização da América Latina e mais especificamente do Brasil. As visitas eram inicialmente inquisitoriais na tentativa de reforçar o cuidado e a vigilância, mas no século XVIII, eram voltadas para a observância da administração, dos costumes dos colonos e para levar uma espécie de regulamento de boa conduta aos cristãos.

Conforme o mesmo autor, o apoio para práticas doutrinárias como essa era encontrado na Constituição eclesiástica da época, que era o Concílio de Trento (1545 – 1563), e a única legislação eclesiástica colonial, as Constituições do Arcebispado da Bahia (1707), que regulamentavam o funcionamento da “Pequena Inquisição”.

De acordo com o Concílio a missão dos Visitadores era (apud. SALES NETO):

Estabelecer a doutrina sã e ortodoxa, excluídas as heresias, manter os bons costumes, emendar os maus com exortações e admoestações, acender o povo à religião, paz e inocência; e estabelecer o mais que o lugar, tempo e ocasião permitir para proveito dos fiéis, segundo julgar a prudência dos que visitarem.²⁴

Ainda sobre como eram feitas as visitas, os procedimentos Sales Neto (idem) afirma:

Pela regulamentação o visitador deveria ser o bispo, autoridade máxima da diocese e, na impossibilidade deste, deveriam assumir seu lugar “sacerdotes virtuosos, prudentes e zelosos da honra de Deus e salvação das almas, e podendo ser, letrados, e quando não ao menos pessoas de

bom entendimento e experiência”.¹⁵ Cioso de seu dever, o visitador jurava sobre os “Santos Evangelhos” e recebia a provisão episcopal que o nomeava Visitador Geral. Em seguida eram nomeados os demais membros da visita: o secretário ou escrivão e o meirinho ou tesoureiro. Assim, era dado o início à visita.(citação do autor)

²⁴ O SACROSSANTO e Ecumênico Concílio de Trento *Apud* BOSCHI, As Visitas..., p 969.

Sobre a estrutura do texto, o termo de visita inicia-se com o nome do visitador, as referências de sua ordem, sua função da Igreja e a paróquia ou freguesia da qual faz parte.

Termo de Vizita

Manoel José Fernandes, Presbítero Secular , Cavalleiro da Ordem de-Christo, Conego Honorario da Capela Imperial, Vigario Collado na – Freguezia de Sant ‘Ana do Siridó, Visitador Geral, e Delegado do-Chrisma na Provincia do Rio Grande do Norte por us Ex^a. R^{ma}. o Senr-Bispo Diocesano Dom João da Purificação Marques Perdigão, que D^s.-Guarde,

Em seguida o visitador descreve o que vê em sua visita. Dentro desse corpo ainda constam prescrições de como o pastor deve dirigir sua Igreja cuja extensão dentro do texto é bem maior que as outras partes.

As abreviações aparecem em grande quantidade ao longo do texto, muitas na classe dos pronomes de tratamento, assim como na apresentação, mas também, é possível identificar grande número de ocorrência entre os advérbios de modo terminados em *mente*, ex. inicialmente, relativamente, etc.

Na tabela a seguir observamos que no termo de visitas a abreviação aparece com mais frequência que nos outros textos:

Tabela 2. Abreviação no termo de visita

Parte do livro/ Gênero discursivo	Quantas vezes no livro	trechos	Abreviaturas presentes	abreviatura por texto
Termo de visita	3	Vizitando a Freguesia de Santa Luzia do Mossoró, a pouco erecta,	Ex. ^{mos} , Rv. ^{mo} , Senr., D. ^s , Primeiram. ^{te} , R. ^{do} ,	Termo 1: 30 Termo 2: 26 Termo 3: 5

		Provejo no espiritual, e temporal o que me parece mais necessário para- o bom regimen della, e serviço de Deos na forma seguinte [...]	promptam. ^{te} , religiosam. ^{te} , acabam. ^{to} , N ^o . St. ^a , SS ^{mo} Padre, Immediatam. ^{te} , solemnem. ^{te} , SS ^{ma} Trindade, Coadj. ^{or} , positivam. ^{te} , L ^o . , B ^o . , S. Pedro, G ^e , S. Sebastião, devidam. ^{te} , literalm. ^{te} , P ^a . q., D.	
--	--	---	---	--

Pastoral ou circular

Circular é o meio de correspondência pelo qual alguém se dirige, ao mesmo tempo, a várias repartições, entidades ou pessoas. É considerada uma mensagem multidirecional, por isso não consta destinatário (MARTINS, 2010, p.175).

Essa definição é para uma circular nos tempos de hoje, e no caso dos livros de tombo é chamada de pastoral, (cf. FERREIRA, 2008, p. 614) é uma “circular dirigida aos padres ou aos fiéis pelo Papa, ou por um bispo.

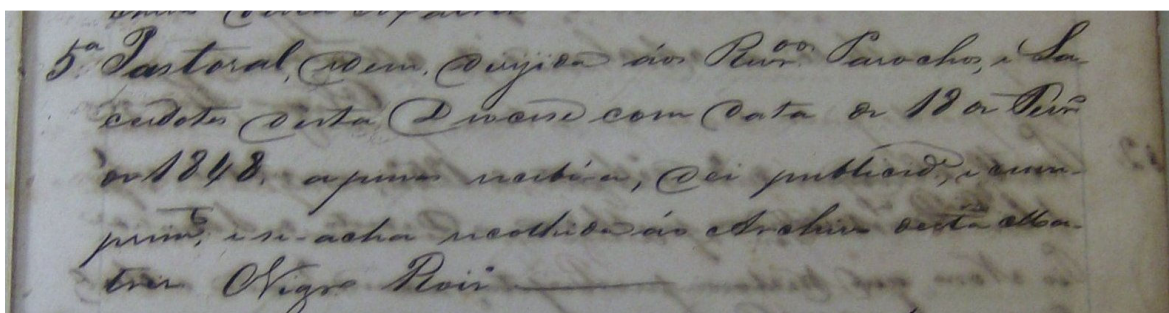
A estrutura da circular é disposta da seguinte forma (MARTINS, 2010):

- a) Timbre (de onde vem).
- b) Local e data.
- c) Número da circular.
- d) Título.
- e) Conteúdo.
- f) Assinatura e função.

De forma que a ordem da data pode variar, antes do conteúdo ou depois.

A estrutura da circular encontrada no livro é a seguinte:

Figura 21 Circular



5ª Pastoral, idem, dirigida aos Rvros^{dos} Parochos, e Sacerdotes desta Diocese com data de 18 de Fvrº de 1848 a mim recebida de publicidº e cumprim.º e se acha recolhida ao Archivo desta Matriz.

O Vgrº Rds [transcrição]

- a) Número da pastoral ou circular.
- b) Destinatário.
- c) Data.
- d) Recebedor.
- e) Lugar onde fica arquivada.
- f) Assinatura.

As Pastorais são textos muito pequenos, de caráter apenas informativo. Apresenta poucas abreviações, a maioria na classe dos pronomes de tratamento. Veja na tabela a seguir a discriminação dos dados:

Tabela 3. Abreviação na pastoral

Parte do livro/ Gênero discursivo	Quantas vezes no livro	trechos	Abreviaturas presentes	abreviatura por texto
Pastoral ou circular	53 ²⁵	Pastoral idem dirigida aos Rv. ^{dos} Parochos e Sacerdotes desta Diocese com data de 18 de Fev. ^{ro} de 1848[...]	Rv. ^{do} , N. ^o , Cumprim. ^{to} , Fev. ^{ro} , Vig. ^{ro} , d' Agosto, 9b. ^{ro} , Art. ^{os} , S. Santidade, Fielm. ^{te} , Ex. ^{cia} , Rev. ^a , Sen. ^r , M. ^{to} , 8b. ^{ro} , q., Rvm. ^a , Naq. ^l , M. ^{mo} , V. ^a , Resp. ^{to} ,	3 ^a Circular: 3 4=1 5=5 6=4 7=3 8=3 25=8 26=11 27=7 28=11 29=5 30=2 31=10 32=5 33=10 34=10 35=9 36=13 37=10 38=4 39=7 40=9

²⁵ Ao todo no livro verificou-se 79 pastorais das quais apenas 57 estavam legíveis.

			D. ^o ,	41=8
			Casam. ^{tos} ,	42=5
			D'Assumpção	43=8
			Rd ^s ,	44=4
			a.,	45=6
			corr. ^{te} ,	46=5
			Jan ^{ro} ,	47=6
			Freg. ^a ,	48=8
			Cor. ^{te} ,	49=10
			d'Ascensão,	50=7
			Livr ^o ,	51=5
			p. ^{la} ,	52=9
			prim. ^{ra} ,	53=8
			seg. ^{tes} ,	62=5
			Dez. ^{bro} ,	63=2
			Relativam. ^{te} ,	64=5
			Igualm. ^{te} ,	65=6
			Tranquilid ^e ,	66=6
			d'Oliveira,	67=7
			som. ^{te} ,	68=5
			Barbaram. ^{te} ,	69=5
			m.,	70=6
			p. ^{lo} ,	71=4
			mi. ^a ,	72=3
			PS,	73=3
			p ^r .,	74=5
			V. Rodrigues,	75=4
			d'Andrade,	76=4
			oportunam. ^{te} ,	77=5
			inicialm. ^{te} ,	78=39
			D. José,	79=8
			Completam. ^{te} ,	
			S. ^r ,	

Certifico que em virtude da ordem supra do Reveren/díssimo S^r. Visitador, em visita outra Freguesia, procedi / abertura do provimento ácima escripto do mesmo Reve/rendíssimo S^r. Nos dias Domingos necessários 23, e 30/ de outubro do anno que caiu á Estação da Missa/ Conventual. Em firmsa do que, passo o presente que/ assigno. /V^a de Mossoró 31 de Outubro de 1859.

Antonio Joaquim Rodrigues

Parocho Collado de Mossoró

A estrutura do certificado consta apenas de quatro partes:

- a) O que é certificado.
- b) Quem certifica.
- c) Data.
- d) Assinatura

O certificado é um texto de extensão curta, possui a intenção de certificar algo que o autor queira. No certificado encontrado nos livros de tombo percebe-se abreviações. Não muitas mas considerando o tamanho do texto tem-se uma boa representação do uso.

A classe de palavras mais abreviada é a dos pronomes de tratamento.

Tabela 4- Abreviação no certificado

Parte do livro/ Gênero discursivo	Quantas vezes no livro	trechos	Abreviaturas presentes	abreviatura por texto
Certificado	1	Certifico que em virtude da ordem supra do Reverendíssimo S ^r . Visitador, em visita outra Freguesia, procedi a abertura do provimento acima	S. ^r , V ^a .	3

		escripto[...]		
--	--	---------------	--	--

Tabela

Uma tabela (cf. FERREIRA, 2010) é uma lista, rol, relação oficial de preços máximos que uma mercadoria pode ter. A estrutura de uma tabela é simples, uma coluna com nomes dos objetos a serem tabeladas e na outra coluna os preços e valores fixos. Não existe coesão por não ser um texto corrido.

Figura 23. Tabela

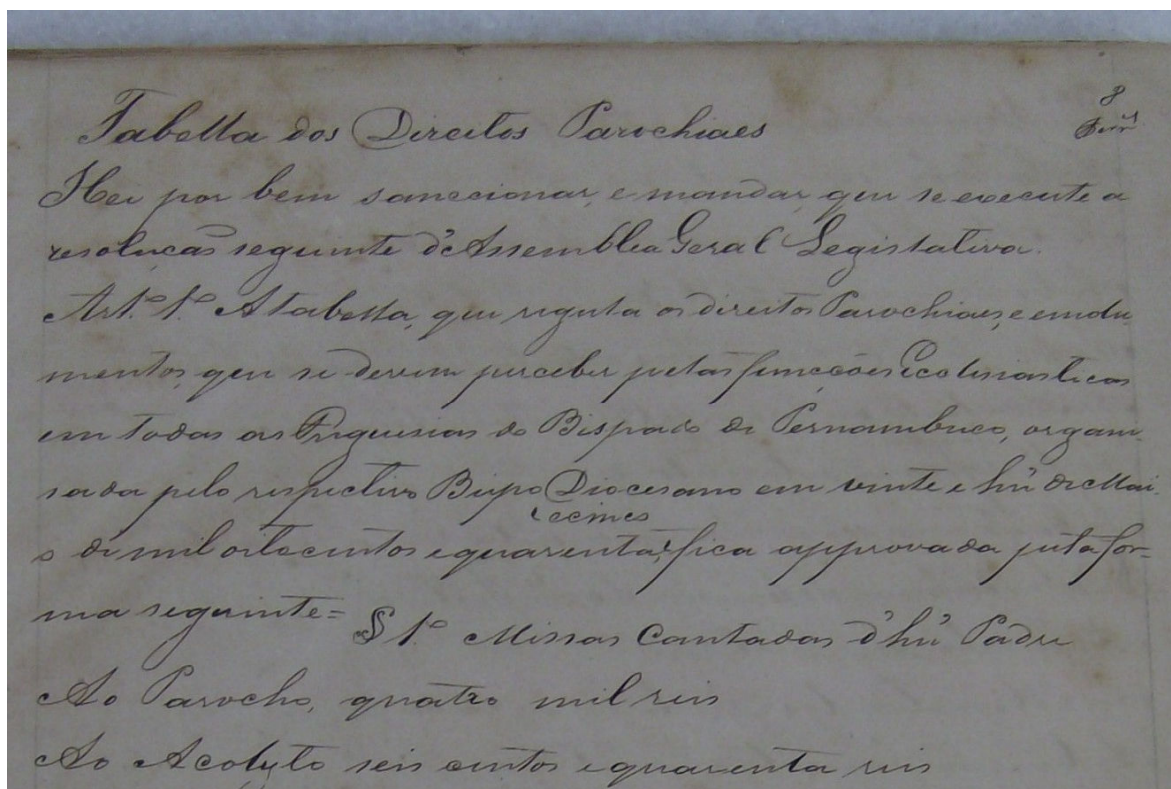


Tabella dos direitos Parochiaes

Hei por bem sancionar e mandar que se execute/ a resolução seguinte d'Assemblea Geral E Legislativa.

Astº .1º. A tabella, que regula os direitos Parochiaes e emolu/mentos que se devem perceber pelas funções Ecclesiasticas/ em todas as Freguesias do bispado de Pernambuco, organi/sada pelo respectivo Bispo Diocesano em vinte e hu' de Mai/o de mil oitocentos e quarenta, e fica approvada feita for/seguite=

SS 1º Missas cantadas d' hu' Padre

Ao Parocho, quatro mil reis

Ao Acolyto, seis centos e quarenta reis.

Quanto à forma, percebe-se que a estrutura da tabela do livro de tombo difere em relação à visualização mas quanto à estrutura parece muito com as tabelas usadas hoje em que se tem na primeira coluna o objeto e na segunda, o valor.

Quanto às abreviações, apresentam um número baixo de ocorrências. É um texto que não tem um destinatário específico e que não faz referência aos nomes de Bispos, Visitadores ou mesmo outros Vigários. Talvez por este motivo, não apresente ocorrências numerosas de abreviações no corpo do texto, pois como já foi afirmado, as abreviações ocorrem mais na classe de palavras dos pronomes de tratamento que nos advérbios.

Tabela 5. Abreviação na tabela

Parte do livro/ Gênero discursivo	Quantas vezes no livro	trechos	Abreviaturas presentes	abreviatura por texto
Tabela ²⁶	22	Tabela dos Dereitos Parochiaes Hei por bem sancionar e mandar que se execute a resolução	Artº, d'Assemblea, hu', SS.,	10

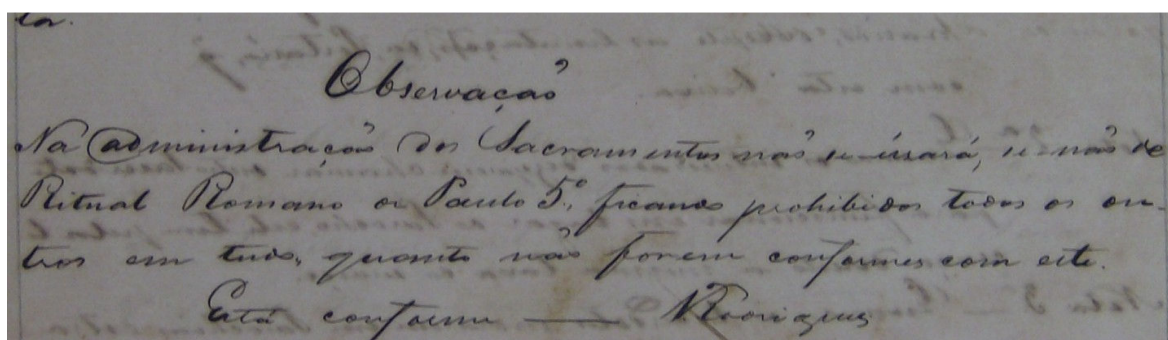
²⁶ No Livro de Tombo 1 temos 22 tabelas mas por questão de análise e amostragem analisaremos apenas 5 escolhidas aleatoriamente.

		seguinte d'Assemblea geral e Legislativa. Artº. 1º. A tabella que regula os direitos Parochiaes, e emolumentos, que se devem perceber pelas funções Ecclesiaticas em todas as Freguesias do Bispado de Pernambuco[...]	d'hu', som. ^{te} , t'bem, p. ^r	
--	--	--	---	--

Observação

A observação não é de estrutura complexa. Em qualquer texto pode haver não sendo propriamente um gênero bem definido já que pode fazer parte de muitos outros ao final um parágrafo ou do texto mesmo e serve para reafirmar ou relembrar. Segundo Ferreira (2010), a observação dentre tantos outros significados, pode ser uma advertência e está mais para ser analisado como um tipo textual que como gênero e como é visto no livro de tombo tem a função de advertir em relação a algo.

Figura 24 Observação



Observação

Na administração dos Sacramentos não se usará se não de / Ritual Romano de Paulo 5º, ficando proibidos todos os ou/tros em tudo quanto não forem conformes com este.

Está conforme__ V. Rodrigues

Não é perceptível um grande número de ocorrências de abreviação no texto, devido ao mesmo motivo pelo qual não aparece na tabela, nem no certificado. As maiores e mais freqüentes ocorrências de abreviação são vistas nos pronomes de tratamento e nos advérbios. Além disso, o texto da observação é pouco extenso, o que pode de certa forma, diminuir as possibilidades do uso das abreviações. No texto apenas a palavra *vigário* foi abreviada.

3.6 As variáveis sócio-interativas

Das variáveis sócio-interativas que serão analisadas têm-se as seguintes: gênero, estilo, a tipologia (condições de intimidade do leitor/autor), participantes, o propósito comunicativo (intenção do autor ao escrever o texto), o suporte (que no nosso caso é o papel).

A análise é feita de forma a entender fatos observados separadamente a fim de delinearmos melhor as hipóteses sobre as ocorrências de abreviações. Uma análise de variáveis sócio-interativas permite ver várias faces do problema de análise o que consequentemente fornece conclusões mais precisas.

4.3.1 Gênero:

Definimos como gênero nos manuscritos o termo de visita, a circular ou Pastoral, o certificado e a tabela. A observação e a apresentação são partes que compõem o livro, não tendo uma estrutura autônoma e aparecendo sempre atrelada a estrutura do Livro e aparecem

em todos os livros de tombo. E mesmo não sendo gêneros é interessante avaliar se ocorrem muitos fenômenos abreviativos em partes do livro que não os gêneros mais comuns.

A apresentação, considerada uma parte que compõe o livro, como esperado, aparece apenas uma vez em todos os livros e por ser um texto de pouca extensão rende poucas abreviações, tendo essas maiores ocorrências nos pronomes de tratamento, pois são os termos que mais aparecem na parte do livro, visto que exista a necessidade de descrever de que se trata o livro e por conter a assinatura de quem o escreveu.

A observação também considerada como uma parte componente do livro e tendo uma função de advertir sobre algo tem poucas ocorrências da abreviação.

O certificado assim como a observação e a apresentação, aparece apenas uma vez durante o livro. Isso quer dizer anos pois o livro de tombo 1 vai do ano de 1855 a 1909. Há uma possibilidade, considerando a pouca aparição, de o escrivão, ter pouca familiaridade com o gênero ou não haver necessidade de escrevê-los durante um longo período.

O termo de visita é um dos gêneros presentes nos livros e apresenta uma espécie de cabeçalho com a descrição do visitante, em linguagem formal. Estão em linguagem culta, e os pronomes de tratamento que acompanham o nome dos presbíteros aparecem abreviados. A extensão do texto é longa, o que provavelmente facilita o aparecimento de palavras abreviadas.

A circular ou Pastoral embora curto, aparece muitas vezes no livro, traz números em seu corpo, os nomes dos presbíteros e a caligrafia aparenta ser uma escrita rápida e pouco trabalhada. Devido ao aparecimento dos nomes dos sacerdotes são observadas muitas abreviações no texto.

A tabela é um dos textos mais detalhados do livro, no entanto não há muitas ocorrências de abreviaturas mesmo diante da grande extensão do texto. Dessa forma, pode-se atribuir pouco aparecimento das abreviações nesse gênero ao grau de clareza que esse texto deve ter, não podendo haver dúvidas quanto ao conteúdo. E também pela falta dos nomes dos presbíteros em que acompanham os pronomes de tratamento. Aparecem muitos numerais ordinais, é onde se tem o maior número de abreviações.

4.3.2 O estilo

“O estilo está indissoluvelmente ligado ao enunciado e a formas típicas de enunciados”, afirma Bakthin (1992, *apud* SILVA, 2006, p. 345). Os textos foram escritos por eclesiásticos dentro do período anteriormente citado, possuem um alto grau de rebuscamento, estão escritos no padrão culto da língua e em português formal. Adotando a divisão de Silva (*ibid.*) sobre o estilo dos textos como formal ou informal, classificamos os textos em questão como predominantemente formais. Apresentam anotações dos mais variados tipos, apresentando uma variação em alguns aspectos da linguagem, permutando de registros mais formais, no caso dos termos de visita, texto cujo objetivo é prescrever regras do bom viver de acordo com as leis cristãs, a simples anotações de pagamentos.

4.3.3 Tipologia

Relacionando os textos formais e informais e suas predominâncias de tipo, sabemos que os textos formais, geralmente documentos, cartas formais fazem uso de uma linguagem mais formal justamente pelo caráter oficial que têm e especialmente pela não intimidade que o autor tem com o receptor, o que é inverso nos textos informais, principalmente em se tratando de cartas. Esperávamos encontrar raras ocorrências de abreviaturas, considerando o estilo do texto, mas os documentos mostraram que esse uso se torna bastante comum quando se trata de cartas oficiais, registros direcionados a uma pessoa ou entidade específica e que, se essa pessoa ou instituição pertencer à classe nobre ou mais favorecida, o uso dos pronomes de tratamento aumenta e com isso as abreviaturas também.

Segundo Fiorin (2005), os tipos são poucos: narrativo, descritivo, expositivo, opinativo, argumentativo e injuntivo.

Dessa forma temos:

Termo de visita apresenta uma tipologia predominantemente injuntiva, tendo em seu corpo verbos no imperativo como; *terá, observará, será, fará*. Além de verbos no gerúndio instruindo a forma como as coisas devem ser feitas:

Primeiram.^{te} **terá** o D^o. Paroco muito cuidado do bem espiritual dos seos-/

Freguezes, disendo-lhes Missa nos dias, em que [...] **devão** ouvir de/ Preceito **a** -/Codindo promptam.^{te} as Confissões dos enfermos; **administrando**-lhes to-/dos os Sacramentos, quando lhe forem pedidos, **fasendo**-lhes Praticas es-/pirituais; **ensinando**-lhe a fugir dos vícios, e a seguir a Virtude; **dando**-lhes/bom exemplo com sua vida,[...]

Observará literal, e religiososam.^{te} a Ley da Creação da sua Freguezia,[...]a/qual **registrará** neste Livro), **reconhecendo** por legítimos Paroquianos/e Freguezes, todos moradores compreendidos na dita Ley.

Em todos os termos de visita o tipo predominante é injuntivo.

Na circular predomina a exposição, o autor situa os fatos que ocorreram, acrescentando datas e que escreveu a circular. Um texto curto sem a presença de detalhes.

Na tabela observa-se que a predominância de tipo é o descritivo, com poucas informações, apenas o necessário em relação aos direitos paroquiais em que numa coluna tem-se o serviço e em outra o valor por serviço prestado.

No certificado é notável a predominância de tipo, assim como na tabela, é descritiva.

Na apresentação, percebe-se que também predomina o tipo expositivo.

Na observação, predomina o tipo expositivo.

Considerando a influência do tipo textual sobre as abreviações, observamos que o tipo textual em que mais aparece abreviações é o injuntivo. Nos textos cujo tipo predominante é o injuntivo, os quais são os termos de visita, conforme explicitado anteriormente, a intenção é prescrever formas de agir, de como proceder em determinada circunstância e para isso usa-se as sequências injuntivas bem como os advérbios de modo, classe de palavras em que o uso de palavras abreviadas é um dos maiores em todo o livro de tombo.

4.3.4 Participantes

Silva (ibid.), no seu estudo trata da relação dos participantes do texto nos casos em que o suporte é o meio digital, *MSN*, *blog* e *Chat*, afirma que o grande número de

participantes favorece o aparecimento de abreviações no corpo do texto. No nosso caso, há apenas a participação virtual, no sentido de que não há um destinatário específico; ele influencia de forma remota e não instantânea como no caso dos meios digitais. Isso não quer dizer que não há uma influência forte do receptor da mensagem e sim que a influência parte do redator e da imagem que ele faz do seu leitor. Quando o receptor é alguém de grande importância, verificamos o aparecimento de pronomes de tratamento dos mais variados tipos, como por exemplo os Bispos diocesanos do nosso corpus que recebem o tratamento de *reverendíssimo, excelência, ilustríssimo, reverendo, excelentíssimo*.

4.3.5 Propósito comunicativo

Sabemos que não há texto ou discurso sem intenção ou propósito que seja, de uma forma ou de outra, neutro (cf. POSSENTI, 2001) e que, de acordo com esse propósito, o sujeito constrói seu discurso baseado na intenção e no seu receptor. Os textos predominantemente informativos apresentaram poucas ocorrências de abreviações, como é o caso de uma lista de pagamento que descreve as ações, como, por exemplo, numa anotação do saldo de uma barraca numa quermesse em que o autor descreve o apurado nos dias de festas, bem como a barraca vencedora, ou mesmo a apresentação do livro de tombo, além do certificado que similarmente aos outros gêneros possui um número baixo de ocorrência de abreviações.

Nessa lista, a tabela, não consta nenhuma abreviação, pois a intenção era comunicar claramente o que havia acontecido. Já em outras partes do livro, como por exemplo, a descrição de algumas cerimônias dentro dos termos de visita em que há orações e evocações do divino, há abreviações em muitas palavras que se repetem no corpo do texto, e certamente por não haver perdas em relação à compreensão desse texto, o autor sente-se mais livre em abreviar.

4.3.6 Suporte

O suporte aqui analisado é o Livro de tombo ou livros de registros da Igreja Católica de Mossoró. Sabendo que na época de 1855 o papel já não era raro, observamos que as abreviações apareciam em grande número. Já em épocas mais recentes como em 1944, aparecia em menor número: o uso dos advérbios terminados em “mente” diminuiu e assim as abreviações que existiam nessas palavras. Pode-se afirmar que a abreviatura era uma espécie de tradição forte nesses documentos, e embora o papel não mais fosse raro naquela época, as abreviaturas eram usadas também para economizar espaço ou tempo, acredita-se que mais por tempo que por espaço, pois, no livro de tombo 1 tem muitas folhas em branco no final, sinal de que o espaço era satisfatório para uma escrita detalhada.

3.7 As variáveis estruturais

No tocante às variáveis estruturais observamos a relação entre a abreviação e com a extensão do texto, extensão do vocábulo, classe de palavras;

4.4.1 Extensão do texto

Os documentos tradicionais apresentam uma regularidade quanto ao tamanho do texto e relacionado ao gênero. Os termos de visitas possuem mais de uma página, enquanto as circulares em sua maioria apresentam de 5 a 10 linhas. As tabelas sempre aparecem em mais de três páginas.

Verificou-se nessa pesquisa que, nos textos maiores, que têm uma ou mais de uma página, aparecem mais de dez palavras abreviadas, e diretamente proporcional, os pequenos apresentam bem menos palavras abreviadas. A esse fato atribui-se a idéia de que se escrevia para descrever alguma situação de visita de suma importância e para isso era necessário não omitir detalhes; no caso de um termo de visita, então a idéia seria escrever todas as

informações, no entanto, não havia um espaço limitado, visto que em muitos livros que foram folheados durante a coleta dos dados, ou em quase todos, sobravam muitas folhas em branco.

4.4.2 Extensão dos vocábulos

Nos textos digitais, não há uma relação direta com a extensão do vocábulo, pois conforme verifica Silva (2006), há reduções de palavras como “que” por “q.” e de “não” por “ñ”, que são palavras pequenas e que por essa relação de extensão não faria sentido serem abreviadas. No nosso caso, verificamos que as palavras que mais são abreviadas são em sua maioria as mais longas, como, por exemplo, as palavras *acabamento*, *primeiramente*, *promptamente*, *religiosamente*, *imediatamente*, *principalmente* e outras terminadas em *mente*. Mas o que chama a atenção é que elas são abreviadas economizando muito pouco os termos, dessa forma: “*primeiram.^{te}*, *acabam.^{to}*, *religiosam.^{te}*”, e assim por diante.

Contudo, há palavras como os pronomes de tratamento que apresentam uma abreviação maior, como por exemplo “*E.^{mos}*, *R.^{do}*, *SS.^{mo}*, *Ex.^a*, *Ex.^{cia}*”, geralmente os pronomes de tratamento são palavras extensas, e pode-se afirmar que são abreviados por dois motivos: alguns, pela extensão da palavra, no caso dos pronomes de tratamento, que são palavras longas e, no caso dos advérbios, as abreviações não são grande fonte de economia, parecendo mais ser uma questão de estética.

As abreviaturas poderiam então exercer certo grau de beleza, contrariando nossa idéia de que elas ocorriam naqueles textos por questões de economia.

Nas palavras terminadas em *mente* e *mento* a abreviação é possível por que o que se abrevia é o sufixo *mente*, ficando na forma completa a parte que contém o sentido da palavra como é o caso de *primeiram.^{te}*, *acabam.^{to}*, *religiosam.^{te}*.

4.4.3 Classe de palavras

Das dez classes de palavras classificadas pela gramática, encontramos em nosso *corpus* apenas algumas delas nas quais observamos redução. São elas: os *advérbios*, *pronomes*, *substantivos*, *preposições*, *numerais* e *artigos*. Destas, uma das que mais sofreram reduções foram os advérbios, principalmente os terminados em “mente”. Diferentemente de Silva (2006), nota-se que a maioria das abreviações aparecem em pronomes. A esse fato, pode-se atribuir a presença de vários documentos destinados a eclesiásticos ou descrevendo suas ações, e neles constam os nomes dos sacerdotes. O autor, por seu turno, para se referir a eles fazia uso dos pronomes. A classe dos substantivos também apresenta um grande número de abreviações, como é o caso das palavras “Vigário” e “Rodrigues” que acompanham os nomes do Padre.

Para uma análise quantitativa das categorias das abreviações foi feita uma contagem das ocorrências, de todas as palavras que aparecem abreviadas, quantas vezes aparece no texto, abaixo ilustrada:

Quadro 4. Abreviações encontradas no corpus

Abreviações	Significado	Nº de Ocorrências
8br ^o ,	Outubro	3
9b ^{ro} ,	Novembro	1
a.,	Ano	2
A. Rd ^s	Antônio Rodrigues	1
acabam. ^{to} ,	Acabamento	2
algu~a	Alguma	1
Algu~as	algumas	1
Art ^o ,	Artigo	1
Art ^{os} ,	Atigos	1
Barbaram. ^{te} ,	Barbaramente	1

B^o ,	Bíblico	1
Casam.^{tos} ,	Casamentos	2
cid^e ,	Cidade	1
Coadj.^{or} ,	Coadjutor	1
Completam.^{te} ,	Completamente	1
corr.^{te} ,	Corrente	2
Cumprim.^{to} ,	Cumprimento	4
D.	Dom	15
D.^s	Deus	1
D.^{om} ,	Dom	4
D.^{os} ,	Deus	1
d'	De agosto	26
d'oter	De o ter	1
devidam.^{te} ,	Devidamente	1
Dez.^{bro} ,	Dezembro	1
Especialm.^{te}	especialmente	1
Ex.	Excelência	1
Ex.^a	Excelência	24
Ex.^{cia} ,	Excelência	10
Ex.^{mo} ,	Excelentíssimo	10
facilid^e ,	Facilidade	1
Fev^{ro} ,	Fevereiro	7
Fielm.^{te} ,	Fielmente	2
Freg.^a ,	Freguesia	4
G^e ,	Guarda	2
G.	Gonçalves	1
hu' ,	um	5

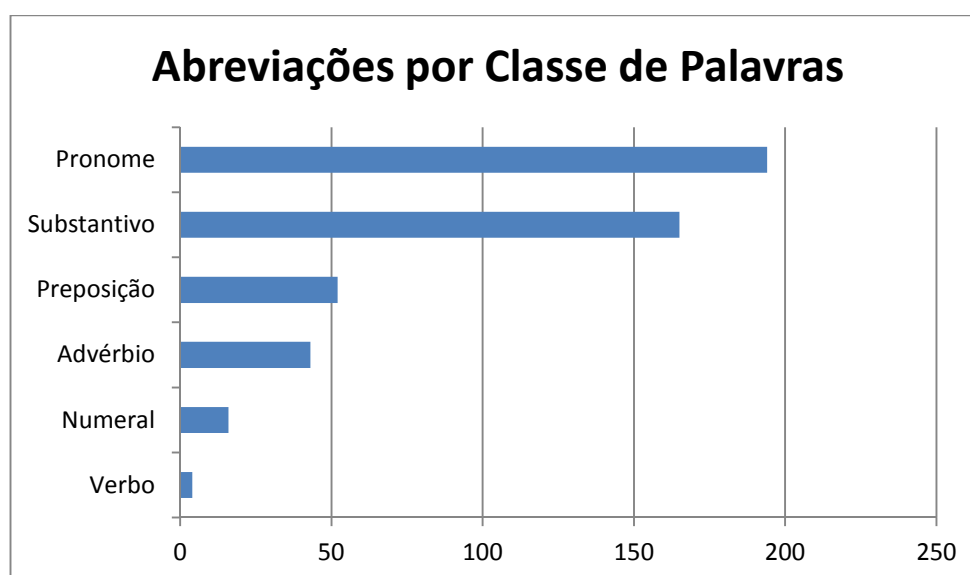
hu~a,	uma	2
Igualm.^{te},	Igualmente	1
Ilm^o,	Ilustríssimo	2
Immediatam.^{te},	Imediatamente	1
Imoralid^e	Imoralidade	1
inicialm.^{te},	Inicialmente	1
Jan^{ro},	Janeiro	3
Juram.^{ts}	Juramentos	2
literal^{te},	Literalmente	1
Livr^o,	Livro	1
L^o,	Livro	1
mi.^a,	Minha	1
m^{ma}.	Mesma	2
M^{mo},	Mesmo	9
N.^o,	Numero	6
Naq.^l,	Naquele	1
oportunam.^{te},	Oportunamente	1
p.^{la},	Pela	2
p.^{lo},	Pelo	1
p.^r	Por	18
P^a,	Para	13
positivam.^{te},	Positivamente	1
prim.^{ra},	Primeira	1
Primeiram.^{te};	Primeiramente	1
Principalm.^{te}	Principalmente	1
promptam.^{te},	Prontamente	1
PS,	Pos Scriptum	1

q.,	Que	5
q^{te},	Quantidade	1
R.^{do};	Reverendo	13
Rd^s,	Rodrigues	17
Relativam.^{te},	Relativamente	12
religiosam.^{te},	Religiosamente	1
Resp.^{to},	Respeito	5
Rvr.^a,	Reverendíssima	33
Rvr.^o,	Reverendíssimo	21
R.^{do},	Reverendíssimo	13
S.	São	2
S. Santidade,	Sua	3
Sua S.	Santidade	2
S.S.	Sua Santidade	1
SS.	Seção	5
S.^r,	Senhor	16
Sant' Ana	Santana	1
Senr.,	Senhor	26
solemnem.^{te},	Solenemente	1
som.^{te},	Somente	3
SS.,	Seção	5
SS^{ma} Trindade,	Santíssima	1
SS^{mo} Padre,	Santíssimo	2
t'bem,	Também	2
Tranquilid^e,	tranquilidade	1
V. Rvr^a	Vossa	3
V. Rodrigues,	Vigário	16

V. Rd^s	Vigário Rodrigues	<i>1</i>	
V^a.	Vila	<i>10</i>	
Vigr.^o	Vigário	<i>29</i>	
		458	Total

De forma que estatisticamente tem-se o seguinte:

Quadro 5. Gráfico de abreviações por classe de palavras



As ocorrências de abreviações foram mais numerosas em *pronomes* e destes, entre os tipos de pronomes (indefinidos, definidos, pessoais, de tratamento, relativos, interrogativos) o que teve maior expressividade nas reduções foram os de tratamento que acompanhavam o nome dos presbíteros, como *Ex.mo*, *Illm^o*, *Snr.*

3.8 As variáveis sociais

Quanto às variáveis sociais faixa etária, grau de escolaridade, sexo, profissão, é possível apenas caracterizar alguns detalhes, pois os documentos analisados foram escritos por pessoas de mesma profissão, todos eram sacerdotes, de mesmo sexo, pois só podiam ser sacerdotes pessoas do sexo masculino. Todos os sacerdotes possuíam o mesmo nível de instrução, submetidos que eram ao estudo do latim, a língua oficial do Vaticano, e adquiriam conhecimento em diversas outras áreas das ciências humanas e exatas como preparo necessário para exercerem a profissão eclesiástica. Portanto, podiam ser consideradas pessoas de alto nível de escolarização.

Quanto à faixa etária, para nós é desconhecida a idade das várias pessoas que escreveram os documentos, por falta de registros na Igreja onde a pesquisa foi feita. A origem dos padres também é desconhecida.

Quanto à variável profissão, padres, pode-se afirmar que ela é determinante para termos os textos padrões que foram encontrados. Não só os textos do primeiro livro de tombo como os outros livros do *corpus* apresentam o mesmo estilo de linguagem, entendido como a forma mais culta ou mais formal na qual o autor escreve. Isso se deve ao fato de que todos deveriam ter o mesmo nível de formação e o conhecimento linguístico equivalente pois a formação eclesiástica segue um padrão na qualificação de seminaristas.

A formação dos seminaristas da época ficara decidida no concílio de Trento, pois antes dessa reunião muitos decidiam serem líderes espirituais, mas não tinham para tanto uma formação específica. O concílio, conforme Tagliavini (2007), propôs um extenso plano para criação de seminários onde se formariam os futuros padres. Nesses seminários, os seminaristas viviam sob regime de internato afastando-se da família e da vida social para dedicar-se exclusivamente às coisas de Deus. Os seminaristas estudavam filosofia, teologia, além da língua latina, com a qual eles teriam muito contato desde o seminário até a vida religiosa de padre. Dessa forma, pode-se afirmar que considerando a educação padrão a qual eram submetidos, os padres deveriam apresentar um conhecimento equivalente quanto ao nível de escrita.

No estudo de Silva (2005), a profissão não interfere diretamente na ocorrência das abreviaturas, pois ela percebe abreviaturas em textos de pessoas de todas as profissões. Nesta pesquisa, no entanto, não é possível uma análise variada da influência da profissão porque só há contato com um tipo de profissão: a eclesiástica.

Considerações finais

Diante dos comentários tecidos ao longo do trabalho pode-se perceber que essa escrita, assim como a maioria das outras já analisadas por outros estudiosos, reflete as condições da época colonial em que os modelos seguidos eram os modelos de Portugal, o qual não tinha um modelo ortográfico fixo e seguido por todos. Assim como Portugal, no Brasil também não existia um acordo ortográfico próprio e que a escrita nesse momento era baseada na escrita portuguesa, com uma história dos textos já arraigada pela tradição. Demonstra também uma preocupação em segui-los, pois era a norma padrão na época.

Entretanto, a flutuação existente entre a escrita de uma ou outra letra de palavras iguais grafadas de forma diferentes revela uma incerteza provavelmente decorrente de falta de conhecimento da forma. E embora os sacerdotes sejam pessoas que tiveram acesso à escrita, essa variação revela que mesmo a norma existente não estava tão definida quanto se pensa. A falta de acentuação e a oscilação da forma do til revelam ainda a falta de sistematização da escrita na época, assim como a separação silábica sem uma regra específica.

O uso do til também é variado, ora ele é usado apenas para marcar a nasalidade, ora é usado acima da vogal antecessora do *m* para marcar a abreviação da letra, em palavras como *algu~a*, *hu~a*. Essa forma

Essa escrita reflete o momento histórico em que não se tinha um padrão brasileiro a seguir e totalmente embasado na escrita portuguesa, porém, com as variações mostradas ao longo do trabalho decorrente da falta de uma regra fixa para a ortografia.

Como exposto no início do trabalho, os textos seguiam a tradição portuguesa, os modelos eram seguidos e havia pouca inovação na escrita dos sacerdotes de Mossoró no século XIX, além de ser verificada a influência ibérica em relação aos grupos *ch*, *rh*, *ph* não sendo encontrado no *corpus* o grupo *th*.

As abreviações encontradas nesses textos não ocorriam pela falta de espaço ou por economia de papel como dito em trabalhos de Silva (2005) e como afirma a literatura sobre o assunto, nesse caso, as abreviaturas eram um dos aspectos constituintes das TD dos manuscritos do século XIX.

Abreviar era esteticamente mais bonito e deixava o texto com um ar de requinte, pois conforme mostrado na análise, palavras muito grandes eram abreviadas de apenas duas letras como *inicialm.^{te}*, *relativam.^{te}*, *acabam.^{to}*, e etc. de forma que não havia grande economia nas abreviações, além de que, palavras muito pequenas como a preposição *por* também eram abreviadas economizando apenas uma letra *p^r*.

Pode-se afirmar ainda que os textos mais longos mais trabalhados, como os termos de visita, em que se nota uma caligrafia mais desenhada, apresenta mais abreviações que os textos mais curtos e com a escrita pouco desenhada, como é o caso da circular, o que pode demonstrar rapidez em sua execução, outro argumento que reforça a tese de que as abreviaturas não eram usadas por economia ou por rapidez, como é o caso da escrita moderna nos *chats*, *Messenger*, *fóruns* e *SMS*, e sim por beleza e por tradição que era largamente seguida no século XIX.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo, SP. Editora Martins Fontes, 2000.
- ACIOLI, Vera Lucia Costa. *A escrita no Brasil Colônia: Um guia para leitura de documentos manuscritos*. Recife , PE. Editora Universitária. Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana. 1994.
- BAKHTIN, M. Gêneros do Discurso. In: *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 271-306
- BERWANGER, Ana Regina. *Noções de Paleografia e de Diplomática*. 2. ed. Santa Maria: Editora da UFSM, 1995.
- BRITO, Raimundo Soares. Ruas e Patronos de Mossoró (Dicionário). Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2003. Coleção Mossoroense. Série J, v. 01.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *A história do Alfabeto*. São Paulo: Editora Paulistana, 2009.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- CÂMARA, JR. Joaquim Mattoso. *História da linguística*. Petrópolis, RJ. 6ª Ed. Editora Vozes LTDA, 1975.
- CAMBRAIA, C. N. *Introdução à Crítica Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Notas e documentos para a história de Mossoró*. Mossoró, RN. Fundação Vingt-un Rosado: Coleção Mossoroense, 2001. Série c. Vol. 1207.
- CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura no Ocidente. In: ABREU, Márcia (org). *Leitura História e História da Leitura*. Campinas, SP. Mercado das letras: Associação de
- CHARTIER. *Os desafios da escrita*. Tradução de Fulvia M.L. Moretto São Paulo: Editora UNESP. 2002.
- CHOMSKY, Noam. *A lingüística como uma ciência natural*. *Mana* [online]. 1997, vol.3, n.2, pp. 183-198. ISSN 0104-9313. doi: 10.1590/S0104-93131997000200006. Acesso em 04/03/2010
- COSTA, Renata Ferreira . *Abreviaturas: simplificação ou complexidade da escrita?*. In: 54 Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, 2006, Araraquara - SP. Caderno de Resumos do 54 Seminário do GEL, 2006. p. 151-152.
- COSERIU, Eugenio. *Teoria da linguagem e linguística geral: cinco estudos*. 2 ed. Trad. Agostinho Dias Carneiro; rev. Téc. Carlos Alberto Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro, RJ: Presença, 1979.

_____. *Lições de lingüística geral*. Trad. Evanildo Bechara, Rio de Janeiro, 1980.

_____. *O homem e sua linguagem: estudos de teoria e metodologia linguística*. Trad. Carlos Alberto Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro, RJ: Presença, USP, 1982.

_____. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro, RJ: Presença/USP, 1979a.

AÍTA, Daniel. *A noção de “gênero discursivo” em Bakhtin: uma mudança de paradigma*. In: BRAIT, Beth. (org). *Bakhtin: Dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica*. São Paulo: Ática, 1991.

FERNANDÉZ, Francisco Moreno. *Principios de Sociolingüística y Sociología Del lenguaje*. Barcelona: Ariel Linguística, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio*. Curitiba, PR: Ed. Positivo, 2008.

FIORIN, José Luis. Gêneros e tipos textuais. In: Mari, H., Walty, I. e Versiani, Z. (orgs). *Ensaio sobre leitura*. Belo Horizonte: Editora PUC-Minas, 2005. PP. 101-117.

FLEXOR, M. H. O. *Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX*. São Paulo: UNESP; Secretaria de Estado da Cultura. Arquivo do Estado de São Paulo, 1991.

_____. *Os Inventários e testamentos como fontes de pesquisa*. Revista Brasileira de História da Educação, v. 00, p. 1-8, 2007.

FONSECA, Maria Cristina de A. P. *A escrita Oficial: Manuscritos Paraibanos dos séculos XVIII e XIX*. Recife: Programa de Pós-graduação em Letras UFPE, 2005.

GNERRE, Maurizzio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1985.

HAVELOCK, Eric. Os gregos antes da escrita. IN: *A revolução escrita na Grécia e suas consequências culturais*. (trad. Ordep J. Serra) São Paulo: Ed. Unesp; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. (Biblioteca Básica). pp. 187-217.

_____. As consequências do alfabeto. IN: *A revolução escrita na Grécia e suas consequências culturais*. (trad. Ordep J. Serra) São Paulo: Ed. Unesp; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. (Biblioteca Básica). pp. 327-355.

HIGOUNET, Charles. *História concisa da escrita*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

HORA, Dermeval da. *Estudos sociolingüísticos: perfil de uma comunidade*. Santa Maria, RS: Palloti, 2004.

HOUAISS, A, VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. *Dicionário Houaiss*. 2002. (Versão eletrônica).

_____. *Elementos de bibliologia*. São Paulo: HUCITEC, 1983.

KABATEK, Johannes. Como investigar las tradiciones discursivas medievales? El ejemplo de los textos jurídicos castellanos. In: *Lengua Medieval y tradiciones Discursivas em La Peninsula Ibérica*. Frankfurt am Main: Vervuert, Madrid: Iberoamericana, 2001. P. 97-132.

_____. “Tradições discursivas e mudança lingüística”. In: Tânia Lobo et al. (org.). *Para a História do Português Brasileiro VI*, Salvador: EDUFBA, 2006.

KOCH, Peter. “Tradiciones discursivas y cambio lingüístico: El ejemplo Del tratamiento vuestra merced em español”. In: Johannes Kabatek (Ed.). *Sintaxis histórica Del español y cambio lingüístico: Nuevas perspectivas desde las Tradiociones Discursivas*. Madrid : Iberoamericana, 2008. p.53-88.

LAUSBERG, Heinrich. *Linguística Românica*. 2 ed. Trad. de Marion Errhardt e Maria Luísa Schemann. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

LYONS, John. *Linguagem e lingüística: uma introdução*. [trad.] Marilda Winkler Averbug. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

MACHADO, Irene A. Os Gêneros e o corpo do acabamento estético. In: BRAIT, Beth. (org). *Bakhtin: Dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

MANGUEL, Alberto. *A forma do livro*. In: Uma história de leitura. (trad. Pedro M. Soares). São Paulo: Companhia das letras, 1997. PP. 149-173

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da Tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A. ; XAVIER, Antonio Carlos. *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva et al. *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna: 2002..

MARÍN MARTÍNEZ, Tomás. *Paleografía y Diplomática*. Tomo I. Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2002.

MARTIN, Robert. *Para entender a lingüística*. [trad.] Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

MATTOS E SILVA, R. V. Reflexões e questionamentos sobre a constituição de corpora para o Projeto “Para a história do Português Brasileiro”. In: DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia e CALLOU, Dinah (org). *Para a história do português brasileiro notícias de*

corpora e outros estudos. Vol. IV. Rio de Janeiro: Faculdade de LETRAS de UFRJ/FAPERJ, 2002. P. 17-27

_____. *Caminhos da linguística Histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENDONÇA, Neide Rodrigues de Sousa. *Desburocratização Lingüística: Como simplificar textos administrativos*. São Paulo: Pioneira, 1987.

MONTEIRO, Denise Mattos. *Introdução à história do rio grande do norte*. Editora da UFRN. Natal, 2000.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Origens do Português Brasileiro*. São Paulo; Parábola Editorial, 2007.

OSAKABE, Haquira. O mundo da escrita. In: *Leituras no Brasil*. ABREU, Márcia (org.) Campinas- SP: Mercado das Letras, 1995.

OESTERREICHER, Wulf. *Autonomización Del texto y recontextualización. Dos problemas fundamentales de las ciencias de texto*. Mimeo, 1999.

OLIVEIRA, Kelly Cristina de. Tradições discursivas: uma análise comparativa dos anúncios de emprego em jornais paulistas. In: GARCIA, B. R. V.; PIRIS, E.L.; FERRAZ, F.S.M; GONÇALVES SEGUNDO, P. R. (Orgs). *Análises do Discurso: o diálogo entre as várias tendências na USP*. São Paulo: Paulistana Editora, 2009. ISBN 978-85-99829-38-7. Disponível em : <http://www.epedusp.org>

PESSOA, Marlos de Barros. *Transformação da Tradição Discursiva “requerimento”*: séculos XVIII e XX. In: Para a história do Português Brasileiro: Volume VI

POSSENTI, Sírio. Gêneros discursivos: Bakhtin vai à escola. In: ARANHA, Simone D. G; PEREIRA, Tania M. A.; ALMEIDA, Maria de Lourdes L. (orgs). *Gêneros e Linguagens: diálogos abertos*. João Pessoa: Editora universitária, 2009.

REBOUÇAS, Ângela C. R. N. *Processos de redução de palavras em documentos históricos de Mossoró: uma abordagem diacrônica*. Mossoro, 2008. Monografia (Licenciatura em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Faculdade de Letras e Artes.

ROSADO, Vingt-un. *Mossoró* 2.ed.. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2006. 240 p. Coleção Mossoroense. Série c; v. 1521.

SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte. *História do falar e história da linguística*. Trad. Fernando Tarallo [et al.]- Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

SILVA NETO, Serafim da. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro;

SILVA, Fabiana de Sousa. *Uma abordagem diacrônico-comparativa da abreviação em diferentes gêneros, suportes e tecnologias*. João Pessoa, PB: UFPE, 2006. Tese de Doutorado.

SIMÕES, José da Silva. *Mudança Linguística e Gêneros textuais*

SPINA, Segismundo. (1977). *Introdução a Edótica: critica textual*. São Paulo: Cultrix

TAGLIAVINI, João Virgílio. *Seminários tridentinos no Brasil:Escolas para a formação do clero*.Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.26, p.39 –63, jun. 2007 - ISSN: 1676-2584

WEEWOOD, Bárbara. *História concisa da Lingüística*. [trad.] Marcos Bagno. São Paulo: Parábola editorial, 2002.

Sites consultados:

BRAIT, BETH. *O conceito de estilo em Bakhtin: dimensão teórica e prática*. Artigo publicado no site : http://www.fflch.usp.br/dl/noticias/downloads/Curso_Bakhtin_2008_Profa.%20MaCristina_Sampaio/ARTIGO_BRAIT_conceito_estilo_em_Bakhtin.pdf acesso em 20/07/2009

BRANDÃO,Helena Hathsue Nagamine. *Estilo, Gêneros do Discurso e implicações didáticas*. Texto apresentado no III Seminário da Análise do Discurso, Universidade Católica de Salvador. Salvador, BA em outubro/2005. Disponível em : <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/brand003.pdf>

CASTILHO, Ataliba de. *Museu da língua portuguesa, estação da luz*. disponível em : <http://www.estacaodaluz.org.br/> acesso em 20/06/08

KABATEK, Johannes .“Tradições discursivas e mudança lingüística”. In: Tânia Lobo (ed.): *Para a Historia do Português Brasileiro VI*, Salvador: EDUFBA (no prelo). Texto apresentado no encontro PHPB em Itaparica, Bahia, setembro de 2004.

TAVARES, Manuel; RICARDO, Maria Manuel C. *Breve história do acordo ortográfico*. Revista Lusófona de Educação, 13, 2009 disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/554/452>

<http://www.kabatek.de/discurso/itaparica.pdf>

<http://buratto.org/gens/Paleo1.html> acesso em 22/09/2010, 10:45

<http://dalete.com.br/saber/origem.pdf> acesso em 15/02/2011

<http://lerparacer.wordpress.com/page/65/?archives-list&archives-type=cats> Acesso em 06/09/2010, 15:40

<http://uncaosemlimites.blogspot.com/2009/07/codex-sinaiticus.html> acesso em 16/02/2011

<http://www.dbpolito.net/genealogia/entenden.html> acesso em 22/09/2010

<http://www.letras.ufrj.br/phpb-rj/> Acesso em 02/02/2010 23:03pm.

<http://www.letras.ufrj.br/phpb-rj/> Acesso em 19/08/2010, 22:42 pm

<http://algarveantigo.com/registos-paroquiais-abreviaturas-paleograficas-e-termos-antigos/>